

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FERNANDA CANSAN TOFFOLI**

**FEMINISMO COMUNITÁRIO: ANA DA LUZ FORTES DO NASCIMENTO E  
JANETE DA VEIGA, MULHERES KAINGANG DO TOLDO CHIMBANGUE –  
CHAPECÓ – SC**

**CHAPECÓ**

**2023**

**FERNANDA CANSAN TOFFOLI**

**FEMINISMO COMUNITÁRIO: ANA DA LUZ FORTES DO NASCIMENTO E  
JANETE DA VEIGA, MULHERES KAINGANG DO TOLDO CHIMBANGUE –  
CHAPECÓ – SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Renilda Vicenzi

**CHAPECÓ**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Toffoli, Fernanda Cansan  
Feminismo Comunitário: Ana da Luz Fortes do Nascimento e Janete da Veiga, mulheres Kaingang do Toldo Chimbanguê - Chapecó SC / Fernanda Cansan Toffoli. -- 2023.  
77 f.:il.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> . Renilda Vicenzi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

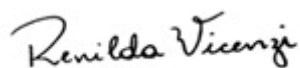
1. mulheres; indígenas; feminismo comunitário; decolonialidade.. I. , Renilda Vicenzi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**FERNANDA CANSAN TOFFOLI****FEMINISMO COMUNITÁRIO: ANA DA LUZ FORTES DO NASCIMENTO E  
JANETE DA VEIGA, MULHERES KAINGANG DO TOLDO CHIMBANGUE –  
CHAPECÓ – SC.**

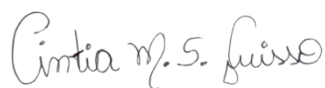
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 07/07/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renilda Vicenzi – UFFS  
Orientadora



---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Cintia Marcia da Silva Guisso – EIEB Cacique Vanhkrê  
Avaliador



---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Ana Paula Narsizo – EIEB Cacique Vanhkrê  
Avaliador

*“Somos a multiplicação das lutas como  
a terra multiplica o cereal plantado.  
Somos a raiz da esperança” (Fen’Nó)*

## AGRADECIMENTOS

Todos os acontecimentos que decorreram desde o início desta pesquisa me fizeram refletir e afirmar muitos aspectos da minha vivência como graduanda em História. Com toda certeza primeiramente preciso refletir sobre as oportunidades e transformações que esta universidade me proporcionou, sem isto com certeza não seria metade da mulher que sou hoje, um corpo e mente com muito que aprender, mas com toda certeza cada dia mais perto do que almejo.

Só se foi possível escrever essa pesquisa, porque existiram pessoas que me apoiaram em toda caminhada, com palavras de incentivo, orientações, abraços e de muitas outras formas, pessoas estas que sempre estarão presentes em meu coração.

Agradeço a minha família e em especial minha mãe, por me guiar e ensinar da melhor forma tudo que levo até hoje, sem ela nada disso seria possível, pois ela me ajudou a construir o melhor em mim, por sempre acreditar e se orgulhar, me auxiliando mesmo nas piores condições e até mesmo sacrificando suas vontades para me ver bem e feliz.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renilda Vicenzi que foi minha companheira de pesquisa, me auxiliou e guiou a esse trabalho que me alegra e orgulha, te agradeço por todas conversas, referências, indicações de leituras que construíram não apenas esse trabalho, mas a mim também como mulher. Acredito que além de uma pesquisa suas recomendações e você me situaram em um local que vai além do mundo acadêmico.

A Janete da Veiga, mulher indígena, neta, filha, mãe, professora de história e camponesa, por me permitir escutar sua trajetória e por conseguir partilha-la com o mundo, sua vivência é potência, luta, vida e resistência, você me inspira e me emociona, me sinto honrada por aprender com você.

As membras da banca Cintia Marcia da Silva Guisso e Ana Paula Narsizo, por aceitarem a proposta de compartilhar seus conhecimentos com essa pesquisa tão importante, com toda certeza seus comentários e observações são de suma importância para essa pesquisa que não acaba aqui.

Ao meu companheiro de trajetória e caminhada: Roberto Pessoa por me apoiar, me incentivar nesta pesquisa, por enxugar minhas lágrimas, e me fazer sorrir.

Aos meus amigos mais próximos: Katiana Petzen, Samara A. de Souza, Lucas F. Possa, Elica Simonetti, Joana Sachet e Gabriel Openkowski pelo suporte, pelos abraços, pelas

palavras, e principalmente por me escutarem quando mais precisei. Sem vocês eu não poderia dar boas risadas até em momentos difíceis.

Aos meus companheiros felinos: Neji, Lisa, Roni e Morgana, que me proporcionaram momentos de descontração, carinho e “rom rom” que alegraram meu coração.

A todos professores do curso e colegas que direta ou indiretamente passaram por essa pesquisa e auxiliaram minha formação acadêmica.

A todas mulheres indígenas com que tive contato nas minhas leituras, as mulheres de Abya Yala de maneira em geral que lutam e batalham todos os dias por seus direitos, por respeito, por seu corpo-território e tantas outras coisas, vocês inspiram muitas neste mundo, estão trilhando o caminho para que outras mais venham no futuro.

Sem vocês mulheres da minha vida, nada disso seria possível, obrigada!





## RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a trajetória de duas mulheres indígenas Kaingang: Ana da Luz Fortes do Nascimento, a Fen'Nó e Janete da Veiga, avó e neta a partir da perspectiva do feminismo comunitário e do campo teórico metodológico da decolonialidade. Fen'Nó participou ativamente das lutas e demarcações na T.I Toldo Chimbangué é pensada a partir de um documentário intitulado: Fendó: Tributo a uma guerreira, produzido pela Penna Filho Produções no ano 2000 e também por sua representatividade após a conquista da terra em sua comunidade e na sociedade chapecoense como um todo. Janete da Veiga, camponesa e professora da história trás suas vivências a partir de uma roda de conversa feita em sua casa, pensando sua trajetória desde criança na escola, faculdade e os saberes que envolvem sua família, além disso, procuramos abordar as diversas perspectivas de sua vida: como mãe, filha, neta, professora e camponesa. Assim, além de pensar suas trajetórias individuais procuramos conectar suas vivências para compreender como o legado de Fen'Nó continua e como é de extrema importância para a manutenção e fortalecimento das lutas dos povos originários, principalmente das mulheres indígenas. A perspectiva do feminismo comunitário juntamente com a decolonialidade vem para pensar como as mulheres indígenas se inserem na luta pelos direitos de suas comunidades.

Palavras-chave: mulheres; indígenas; feminismo comunitário; decolonialidade.

## ABSTRACT

This research seeks to analyze the trajectory of two Kaingang indigenous women: Ana da Luz Fortes do Nascimento, Fen'Nó and Janete da Veiga, grandmother and granddaughter from the perspective of community feminism and the methodological theoretical field of decoloniality. Fen'Nó actively participated in the struggles and demarcations at T.I Toldo Chimbanguê is conceived from a documentary entitled: Fendó: Homage to a warrior, produced by Penna Filho Produções in the year 2000 and also for its representativeness after the conquest of land in its community and in Chapecoense society as a whole. Janete da Veiga, peasant and history teacher, brings her experiences from a conversation circle held in her home, thinking about her trajectory since she was a child in school, college and the knowledge that involves her family, in addition, we try to approach the different perspectives of her life: as mother, daughter, granddaughter, teacher and peasant. Thus, in addition to thinking about their individual trajectories, we seek to connect their experiences to understand how Fen'Nó legacy continues and how it is extremely important for the maintenance and strengthening of the struggles of originating peoples, especially indigenous women. The perspective of community feminism together with decoloniality comes to think about how indigenous women are inserted in the fight for the rights of their communities.

Keywords: women, indigenous, community feminism, decoloniality

## RESUMEN

Esta investigación busca analizar la trayectoria de dos mujeres indígenas Kaingang: Ana da Luz Fortes do Nascimento, Fen'Nó y Janete da Veiga, abuela y nieta desde la perspectiva del feminismo comunitario y el campo teórico metodológico de la decolonialidad. Fen'Nó participó activamente en las luchas y demarcaciones en T.I Toldo Chimbangué es concebida a partir de un documental titulado: Fendó: Homenaje a una mujer guerrera, producido por Penna Filho Produções en el año 2000 y también por su representatividad después de la conquista de tierras en su comunidad y en la sociedad chapecoense en su conjunto. Janete da Veiga, campesina y profesora de historia, trae sus vivencias a partir de una rueda de conversatorio realizada en su casa, pensando en su trayectoria desde niña en la escuela, la universidad y los saberes que involucran a su familia, además, tratamos de acercarnos a la diferentes perspectivas de su vida: como madre, hija, nieta, maestra y campesina. Así, además de pensar en sus trayectorias individuales, buscamos conectar sus experiencias para comprender cómo continúa el legado de Fen'Nó y cómo es de suma importancia para el mantenimiento y fortalecimiento de las luchas de los pueblos indígenas, en especial de las mujeres indígenas. La perspectiva del feminismo comunitario junto a la decolonialidad viene a pensar cómo las mujeres indígenas se insertan en la lucha por los derechos de sus comunidades.

Palabras clave: mujer; indígenas; feminismo comunitario, decolonialidad

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Imagem 01 – Homenagem à Fen’Nó.....	35
Imagem 02 – Fen’Nó em seu território .....	36
Imagem 03 – Fen’Nó entre os seus ! .....	43
Imagem 04 – Fen’Nó na capital federal .....	44
Imagem 05 – Fen’Nó em audiência no DF .....	44
Imagem 06 – Representações na imprensa local .....	45
Imagem 07 – Representações na imprensa local .....	45

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 01 – Territórios indígenas em processo de demarcação e já concluídas .....	30
Tabela 02 – Solicitações feitas pelos povos originários para estudo .....	32
Tabela 03 – Ervas medicinais .....	63

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:**

CIMI	Conselho Indigenista Missionário
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
R.I	Reserva Indígena
T.I	Terra Indígena

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO:.....</b>	<b>16</b>
1.1	A TEMÁTICA .....	16
1.2	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO METODOLÓGICOS: DECOLONIALIDADE E FEMINISMO COMUNITÁRIO .....	22
1.3	O LEGADO PERMANECE .....	29
1.4	ESTRUTURA MONOGRÁFICA .....	33
<b>2.</b>	<b>CORPO TERRITÓRIO EM PERSPECTIVA: A TRAJETÓRIA DE ANA DA LUZ FORTES DO NASCIMENTO, FEN'NÓ .....</b>	<b>35</b>
2.1	CONTEXTO DE LUTAS .....	35
2.2	RESISTÊNCIAS DE MULHERES INDÍGENAS .....	39
<b>3.</b>	<b>MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: A TRAJETÓRIA DE JANETE DA VEIGA .....</b>	<b>49</b>
3.1	EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE .....	50
3.2	SER MULHER INDÍGENA: ANCESTRALIDADE E CUIDADOS .....	56
3.3	SAÚDE E ERVAS MEDICINAIS .....	62
<b>4.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>70</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
	<b>ANEXO 01 .....</b>	<b>76</b>

## 1. INTRODUÇÃO:

### 1.1 A TEMÁTICA:

Feminismo comunitário: Ana da Luz Fortes do Nascimento e Janete da Veiga, mulheres kaingang do Toldo Chimbangue – Chapecó –SC, damos enfoque às trajetórias de figuras pertencentes à Terra Indígena Toldo Chimbangue como a de Ana Luz Fortes do Nascimento e Janete da Veiga, avó e neta, fruto de espaços de luta e resistência, que marcaram suas trajetórias e que aqui ganham lugar de protagonistas a partir da perspectiva teórica da decolonialidade e do conceito de feminismo comunitário. Minha motivação pessoal em estudar e aprofundar conhecimentos na temática indígena se constrói desde o início da graduação, a partir dos primeiros contatos com conteúdo envoltos neste tema e consequentemente o conhecimento de livros, publicações, palestras, autores/as fazem compreender cada vez mais essa temática, além disso, a ida em 2020 até a T.I<sup>1</sup> Nonoai também, proporcionou experiências e contatos que direcionaram minha escolha pelo tema. Falar de mulheres se mostrou muito importante em minha jornada acadêmica e por isso quando no componente curricular de Projeto de Pesquisa tive a oportunidade de unir estes dois caminhos em uma pesquisa prontamente aceitei, desta maneira neste trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História procurei situar estas duas mulheres não somente em sua comunidade, mas em um contexto geral, levando em conta suas trajetórias e diferentes papéis que exercem na sociedade como um todo.

Sobre o recorte espacial, a Terra Indígena do Toldo Chimbangue (Chapecó-SC) é um espaço onde pesquisas evocam acerca da autonomia e do protagonismo indígena, devido ao amplo cenário de disputas que envolvem a sua demarcação, em especial entre os anos de 1970 a 1986. São lutas constantes da população Kaingang que teve destaque, inclusive, fora do estado de Santa Catarina. Mesmo depois da conquista desta terra, continuam se reafirmando na comunidade e manifestando suas necessidades frente à garantia de seus direitos, é uma luta que ainda persiste atualmente. No mesmo período o povo Kaingang acolheu o povo Guarani que continuam em processo de luta pela conquista de sua terra.

Neste cenário existem temas centrais que nos ajudam a compreender as nuances de um povo que carrega a luta consigo, em especial as mulheres, que desempenharam

---

<sup>1</sup> Terra Indígena.



papel primordial neste espaço, bem como suas respectivas resistências. Ana da Luz Fortes do Nascimento (1898-2014), a Fen'Nó, foi uma mulher indígena que teve ativas participações na comunidade Kaingang, na demarcação de terras do Toldo Chimbangue, se deslocando até Brasília para participar do movimento de lutas para conquista desta terra. Em 1999 pelo reconhecimento de sua caminhada, Fen'Nó foi homenageada no dia da mulher pela Prefeitura de Chapecó<sup>2</sup>, e em 2004 sua própria comunidade renomeou a Escola Indígena de Ensino Fundamental Iraní para Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'Nó.

Nosso propósito é percorrer a trajetória de Fen'Nó, mulher Kaingang, para além de sua atuação e liderança social e política (política no sentido mais amplo da palavra, não porque houvesse ocupado algum cargo nos poderes municipais, estaduais ou federais), mas também enquanto a mulher que foi, pensada aqui a partir de questões de gênero e etnicidade<sup>3</sup>, da perspectiva conceitual do feminismo comunitário, e ainda a trajetória da professora e camponesa indígena Janete da Veiga, neta de Fen'Nó. Ambas em tempos diferentes constroem narrativas importantes para o reconhecimento de lutas por territorialidade que até muito pouco tempo eram ocupados somente por pessoas brancas e preferencialmente masculinas.

A antropóloga Adiles Savoldi, realizou inúmeras pesquisas acerca da população Kaingang, especialmente da T.I Toldo Chimbangue, sua tese, intitulada *Rituais de Rebelião à Brasileira: Distintividade cultural e reconhecimento étnico nas Semanas Culturais do Toldo Chimbangue em Chapecó – SC* (2020), dialoga a partir de Bruner (1986) com o contexto de lutas Kaingang durante todos os anos antecedentes a demarcação da terra e após esse acontecimento, além de abordar a sua atual convivência com os Guarani.

A retórica da narrativa da assimilação expressava a crença no desaparecimento dos índios. A narrativa do ressurgimento étnico defendeu o argumento de que “os índios estão aqui pra ficar” (1986, p. 144). Nessas

---

<sup>2</sup> 1999, Fen'Nó foi homenageada na Câmara Municipal de Chapecó que reconheceu-a como pessoa que ajudou a construir a história do município. Fonte: <https://cimi.org.br/2014/03/35780/>, Acesso em 17 de jan de 2023.

<sup>3</sup> Segundo a Cartilha Antirracista organizada pela UNILAB em 2020 “etnia é outro termo usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico-racial dos negros e de outros grupos em nossa sociedade. Os que partilham dessa visão entendem por etnia um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas (CASHMORE, 2000, p. 196, citado por GOMES, 2005, p. 50).”, disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/07/Cartilha-de-Combate-ao-Racismo-2020.pdf>, acesso em 14 jun., 2023.

narrativas, os índios são vistos ora como exóticos, no caso da assimilação, ora como vítimas, no caso do ressurgimento étnico. Para Bruner (1986), as histórias dão sentido ao presente e nos permitem perceber que o presente é parte constitutiva de um conjunto de relações envolvendo um passado e um futuro. O argumento do autor reitera a concepção de que as narrativas mudam e de que todas as histórias são parciais, e seus significados são incompletos. Portanto, não há um significado fixo no passado; pois, em cada novo contexto, há variação e, portanto, a história é modificada. As narrativas dos Kaingang e Guarani comunicam que apesar de toda forma de expropriação e opressão sofrida, eles são índios e lutam pela aplicação dos direitos constitucionais e pelo reconhecimento moral de suas identidades étnicas. (SAVOLDI, 2020, p. 43).

Segundo a autora o processo de demarcação de terras e sua efetivação teve impacto significativo nessas comunidades, devemos compreender que as relações de troncos culturais distintos, acontecem de maneiras diferentes, [...] “os modos de viver e de pensar não são puros, nem estáveis e muito menos eternos” [...] (SAVOLDI, 2020, p. 44). Desta maneira os próprios meios e maneiras com que os povos indígenas enxergam e levam a vida se altera com o tempo, devido ao espaço em que vivem e suas experiências, o que se torna de extrema importância para embasarmos nossa pesquisa.

No artigo, *A Força da Fen’Nó: Uma Dádiva aos Kaingang da Terra Indígena Toldo Chimbangue* (2017), Savoldi dá ênfase a figura de Fen’Nó, dialogando sobre como foi influente em sua comunidade e como é lembrada nos dias de hoje, já que a escola da T.I leva seu nome, a autora enfatiza que a trajetória de Fen’Nó é utilizada pelo povo Kaingang para ensinar a multiplicação da luta pelos direitos indígenas.

A história da Fen’Nó tomou proporções distintas das mulheres do seu tempo e da sua sociedade, na medida em que sua liderança ocupou lugares sociais que eram “naturalizados” como masculinos. Nas referências a ela atribuídas é comum a menção ao fato que seu comportamento foi inédito, como por exemplo, na narrativa expressa no filme sobre sua história: “ela é um caso raro de liderança feminina entre os índios”. Ela foi rara, desconstruiu lugares e posições sociais e políticas, sem deixar de ser a “mãe de todos”, ocupou um dos lugares públicos mais significativos no embate político da luta pela terra. (SAVOLDI, 2017, p. 3).

Savoldi ainda destaca a relação que Fen’Nó tinha com a natureza. Para Fen’Nó o branco sujou tudo, e não deixava de evidenciar sua indignação frente ao que conhecemos como colonização e destruição dos espaços nativos. Acima de tudo Fen’Nó possuía muitos conhecimentos que pertencem a sua cultura, diretamente ligados a essa relação com a natureza.

Segundo Janete, a avó tinha uma ligação muito forte com a natureza. “Acreditava na força da natureza”. Lembrou que ela lia mensagens nos cantos dos pássaros. “Quando o pássaro cantava, ela dizia vai acontecer tal coisa... Escutem, ele tá cantando! Vai acontecer uma coisa ruim! Ela ouvia coisas que a natureza queria falar.” Lembrou que a vó mencionava sobre os

“guias” que a visitavam e faziam presságios. Isso geralmente atemorizava a neta, especialmente quando se tratava de mau presságio.

Conforme as lembranças da neta, Fen’Nó explicava a relação entre as fases da lua e a plantação. Comentava que quando visualizava um círculo no sol era sinal de que teria tempo seco. Já quando o círculo se formava ao redor da lua significava sinal de chuva. (SAVOLDI, 2017, p. 08).

Andreza Bazzi na dissertação *As Mulheres Kaingang não Saíram de uma Costela de Adão: Protagonismo Feminino na Terra Indígena Toldo Chimbangue da Luta pela Terra aos Dias Atuais (1980-2019)* (2019), aborda o protagonismo feminino na comunidade indígena, lembrando que este acontece não somente no período de demarcação de terras, mas também posterior a esse acontecimento. Bazzi com suporte de Becker (1995), ainda afirma, que as relações da mulher indígena em sua comunidade diferem em culturas diversas, mas que as produções acadêmicas sobre as mulheres Kaingang giram em torno do matrimônio, sobre núcleo doméstico, e sobre relações de parentesco, a autora também trabalha com as relações de gênero no passado e no presente Kaingang.

Em diversos estudos sobre as sociedades Kaingang do passado, é muito comum que as relações de gênero sejam evidenciadas quando se analisam temas como o matrimônio, o parentesco, a organização do núcleo doméstico, o trabalho e o ciclo de vida. Becker (1995, p.138), sobre a diferença entre os sexos nas sociedades Kaingang do século XIX no Rio Grande do Sul, afirma que “é grande a importância da mulher na sociedade Kaingang; ela não ocupa uma posição de inferioridade, de escrava ou simples propagadora da espécie, como afirmam alguns autores”. Contudo, a mulher devia submissão ao marido, a autora enfatiza também as diferentes atividades desempenhadas por mulheres e homens – essas que demonstram, segundo a autora, continuidade no século XX, mesmo diante de algumas variações advindas da intensificação do contato com não indígenas. As atividades relacionadas ao ambiente público, de acordo com Becker (1995) eram exclusivamente desempenhadas pelos homens, como por exemplo, os postos de chefia do grupo, ou mesmo a tarefa de dialogar com não indígenas. (BAZZI, 2019, p. 90).

Ser mulher indígena envolve diversas questões que partem da cultura de determinado povo, grupo étnico, entretanto, podemos analisar, levando em consideração tanto o Brasil, como a América Latina, que estas mulheres se conectam com sua territorialidade, mas principalmente com os saberes que são cultivados em suas comunidades. Esse debate tem proporcionado contatos de mulheres indígenas de todo território brasileiro, que se unem em lutas, organização de trabalhos acadêmicos e sociais, palestras, conferências e redes de apoio, e promovem narrativas e literaturas com destaque às suas trajetórias.

O livro organizado por Braulina Baniwa, Jozileia Kaingang e Lucinha Tremembé intitulado *Vivênicas Diversas: uma coletânea de indígenas mulheres* (2020),

aborda por meio de relatos o que é ser uma mulher indígena. Segundo Alcineide Moreira Cordeiro, que é Nigó do Povo Piratapuia em Iuaretê<sup>4</sup>:

[...] devemos ocupar todos os espaços, sejam eles quais forem, além de adquirir conhecimentos extensos. Nossos antepassados lutaram pelo seu território com suas armas como arcos, flechas e outras armas, e eu acredito muito na educação. A melhor arma que temos é a educação e de qualidade. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 15).

E ainda:

Podemos ser de outros povos de outras calhas de rio ou região, mas o que nos mantém unidas e fortalecidas são os propósitos da mesma luta, ocupar espaços que por direito são nossos, nunca foi dado, sempre foi uma luta, uma conquista. Por meio de estudos levarei para as comunidades esse outro mundo desconhecido, pois temos de escrever as nossas próprias histórias de acordo com as nossas vivências, nós que nascemos, crescemos, que somos filhos, filhas, netos, netas, ou seja, falar por nos mesmos, porque nós que sabemos como são as nossas vivências dentro das aldeias/comunidades. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 15).

Ou seja, a luta que homens e mulheres indígenas precisam enfrentar para garantir seus direitos aproxima todas as etnias, pois se compreende que essa união gera um movimento que se faz presente e que ganha destaque frente às políticas públicas. Evidentemente as mulheres indígenas sempre estão presentes nestas pautas, pois são elas muitas vezes que garantem a transmissão de ensinamentos e conhecimentos para as futuras gerações, elas que se sentam com as crianças para instruir e dialogar, por isso aqui registro duas passagens do mesmo livro, porém agora pela trajetória de Suliete Gervasio Monteiro<sup>5</sup>:

O que me vem à memória é a influência e a participação ativa que algumas mulheres do meu povo tinham nos movimentos e atividades coletivas pela institucionalização das políticas públicas para saúde e educação escolar indígena, embora em relação à questão da terra houvesse e haja uma complexidade de luta maior. A importância dessas poucas mulheres presentes e que gradativamente esse quantitativo vai aumentando. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 37-38).

[...]

Ainda na atualidade, nossas lideranças mulheres estão ameaçadas, por isso estão sob a proteção dos defensores dos direitos humanos. Isso porque, a luta pela terra por mulheres começa em princípio pelo zelo a terra como mãe de todos os seres humanos e não humanos, árvores, vegetais e minerais. O zelo e a proteção por essa terra é que garante a nossa sustentabilidade física, cultural e espiritual. O território sagrado, morada dos nossos ancestrais, local dos

<sup>4</sup> Iuaretê (Yaí poeyá — na língua tukano, que em nêegatu quer dizer cachoeira da onça), o Rio Uaupés fica localizado no município de São Gabriel da Cachoeira no noroeste do Estado do Amazonas. Graduanda em Relações Internacionais na UnB.

<sup>5</sup> Indígena do povo Baré, na comunidade indígena chamada Tapcreira que se localiza às margens do rio Negro, esta comunidade pertence a área do município de Santa Isabel do Rio Negro (SIRN), noroeste do estado do Amazonas. Bacharela em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília. Mestranda em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH/CEAM/UnB).

espaços e rituais sagrados. Então, nossas mulheres têm uma identidade com a terra, com a narrativa mítica. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 38).

Um destes meios de representar as lideranças de mulheres indígenas frente ao mundo ocidental é o ingresso aos espaços acadêmicos, podemos observar que todas estas mulheres indígenas ocuparam as universidades e procuram escrever e publicar para além da visibilidade que os direitos possam ser garantidos, tendo em vista esse tema, podemos observar a vivência de Braulina Baniwa<sup>6</sup> em seu texto: *Ser mulher na roça de brancos: a vivência indígena* (2020):

Da invisibilização a ser pesquisadora é um ato político de resistência e rebeldia de muitas mulheres no contexto acadêmico e dentro dos territórios, romper as fronteiras entre os distantes. Neste capítulo apresento a minha trajetória como indígena mulher e mãe em dois lugares que transito, debatendo ideias fora do comum da minha realidade, as fronteiras entre a oralidade e a prática da escrita. Fazendo assim, o surgimento de fortalecimento e capacidade de parentas mulheres de acessar o espaço das universidades e rompendo a ideia de ser apenas provedoras culturais e sociais dentro das comunidades indígenas, falo desse lugar de indígena mulher, em buscar formação, profissional, mas que enfrenta diversidade e desafios na caminhada, dentre a discriminação de gênero em dois lugares. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 105).

Assim, ser mulher indígena, é romper com a posição de provedora cultural como Baniwa propõe, é ocupar espaços que até pouco eram ocupados apenas por indivíduos brancos. Seu objetivo é contar um pouco de sua trajetória como uma mulher indígena e pesquisadora, aqui temos uma personagem que dialoga também como é ser mãe, que é justamente o que se propõe nesta análise de descendências de Fen'Nó, mas principalmente de sua neta Janete da Veiga que também teve sua trajetória marcada pelo ingresso na universidade e que almejamos conhecer melhor.

Baniwa expõe criticamente como a universidade responde a estudantes indígenas, e no seu caso também a uma estudante indígena que é mãe, ela afirma que estes polos de ensino não estão preparados para receber esses indivíduos, porém salienta que estas experiências foram necessárias para construir suas falas de luta pelo seu povo.

Passando por tudo isso, sendo indígena mulher e mãe, podemos concluir que, foram processos necessários para filiar de gênero em todo o contexto que se possa imaginar, pois ser indígena mulher fora do território e correr risco, mas ao mesmo tempo um ato político de resistência, pois por meio de nossas vozes outras mulheres tiveram oportunidade de procurar uma formação profissional, hoje na UnB, somos mais 80 mulheres, jovens e mães em busca de uma profissão. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 116).

---

<sup>6</sup> Indígena mulher, pesquisadora e estudante do povo Baniwa, Bacharela em antropologia na Universidade de Brasília. Cursando Mestrado em Antropologia Social na UNB.

Analisando todas estas vivências, se percebe como em muitos aspectos dialogam com a pesquisa aqui proposta e das personagens principais: Fen'Nó e Janete da Veiga, que aqui tem uma abordagem a partir do feminismo comunitário, literatura presente na América Latina e que também promove o contato de lutas de diferentes mulheres para que consigam alcançar e resistir por seus direitos.

## 1.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICO: DECOLONIALIDADE E FEMINISMO COMUNITÁRIO:

Para iniciar a composição de bibliografias que balizam este em termos de um feminismo comunitário dialogamos com artigos: *Florescer dos feminismos na luta das mulheres indígenas e camponesas da América Latina* (2019) de Lia Pinheiro Barbosa e *Estudos de Gênero na América Latina: dinâmicas epistêmicas e emancipações plurais* (2015) de Delia Dutra e Lourdes Maria Bandeira. Os dois artigos buscam trabalhar com a luta de um feminismo comunitário, ou seja, mulheres indígenas, mas que também tem participação de mulheres camponesas<sup>7</sup>, com o território denominado Abya Yala<sup>8</sup>.

A primeira pesquisa gira em torno dos grupos de mulheres Zapatistas e como estas desempenham papel essencial na defesa da terra, dos seus territórios, dos bens naturais e de suas comunidades, constantemente ameaçadas, são lutas diárias travadas contra o patriarcado, a opressão colonial e o capitalismo; já a segunda procura dialogar sobre o conceito de *corpo-território* que neste espaço significa a impossibilidade de viver a plenitude da vida enquanto sujeitas forçadas a se separar da terra, aqui a terra não é abordada como propriedade privada, mas está relacionada à forma como as populações indígenas trabalham com as noções de espaço, lugar e território, está muito mais ligado à essência e significado de uma cultura. São literaturas que nos ajudam a pensar nas diversas lutas que essas populações, principalmente mulheres, precisam travar para garantir seus direitos.

Lorena Cabnal<sup>9</sup> como mulher indígena dialoga como é na prática o feminismo comunitário. Segundo a autora, essa luta está muito além do termo que se relaciona com o feminismo, está nas disputas de terra e na luta pelo alimento. Segundo ela, não se pensava em criar um movimento que abarcasse ou atingisse outras mulheres em

---

<sup>7</sup> Estas mulheres podem ser ou não descendentes indígenas, as autoras trabalham para definir estas outras mulheres que não necessariamente se consideram indígenas, mas que também lutam pela terra e pelo direito de nela produzir.

<sup>8</sup> Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América.

<sup>9</sup> Guatemalteca e feminista comunitária.

diferentes partes do mundo, mas sim que esta é uma resistência aos dilemas enfrentados diariamente por indígenas e mulheres em uma sociedade fruto do colonialismo.

Algumas de nós não escrevem. O feminismo comunitário territorial na Guatemala não escreveu um livro, mas há outras irmãs que o estão fazendo, outras companheiras de outros feminismos que estão publicando livros. Eu acredito na pluralidade feminista, e creio que algumas coisas vamos escrever e outras não. Nós, dos povos ancestrais, somos povos orais, por isso, vamos à comunidade e ali conversamos, sentimos, tocamos, e nesses espaços vamos tecendo a intencionalidade feminista. Isso dá elementos de ampliação desse horizonte, dos diálogos plurais entre feministas e com feministas. (CABNAL, 2021, p. 3).

Olhar a partir do feminismo comunitário é possível compreender que estas mulheres não se dizem ou se veem feministas a partir conceito do feminismo branco<sup>10</sup>, apenas sentem, sentir é o que Cabnal enfatiza em suas produções acadêmicas, ela e elas (mulheres que se somam ao movimento) apenas resistem e reexistem incomodadas por situações que precisam passar no seu cotidiano. Aqui utilizo o termo reexistir referenciando o trabalho realizado por Gersiney Santos e Daiane Silva Santos (2022), reexistir é reconhecer a interseccionalidade<sup>11</sup> como complemento para compreender narrativas e retomá-las, continuando um processo de reprodução de conhecimentos baseados em vivências de grupos sociais.

Neste contexto também podemos observar o importante trabalho de Julieta Paredes<sup>12</sup>, esta escritora indígena se dedica a enriquecer o debate e a trabalhar com sua vivência política e de mulheres em toda a Abya Yala, de onde o termo feminismo comunitário surge.

O feminismo comunitário é a luta de qualquer mulher, em qualquer parte do

---

<sup>10</sup> A partir da teórica feminista estadunidense bell hooks “Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (2018, p. 13). Porém o feminismo que mais conhecemos é o feminismo branco, que luta pela igualdade entre gênero e salários iguais para funções iguais. Como a autora comenta esses são aspectos que fazem parte de um feminismo de mulheres brancas e privilegiadas, quando estas mulheres começaram a utilizar o patriarcado em seu favor e visto que poderiam se utilizar dele para garantir espaços, focado primordialmente na igualdade em relação aos homens no mercado de trabalho apagou o objetivo inicial do feminismo em reestruturar a sociedade para uma nação antissexista. Apesar do sexismo não ter acabado estas mulheres poderiam maximizar sua liberdade dentro de um sistema já vigente, sabendo que existia um grupo de mulheres de classe mais baixa obrigada a se submeter a fazer o trabalho sujo que as primeiras se recusavam a fazer.

<sup>11</sup> Segundo a socióloga Patricia Hill Collins que trabalha com a definição de inteseccionalidade, esse termo procura compreender as relações de poder que envolvem as diferentes esferas da sociedade como raça, classe e gênero, não de formas distintas, mas sim como se relacionam. Ao mesmo tempo a interseccionalidade é muito mais que a análise crítica presente na academia “A ideia principal aqui não é equiparar a interseccionalidade a um campo de estudo tradicional – por exemplo, uma disciplina acadêmica ou um programa interdisciplinar. As pessoas realizam ações muito mais amplas que apenas acolher passivamente um conhecimento, contemplar ou até criticar o mundo à volta”. (COLLINS; BILGE, 2020, p 58).

<sup>12</sup> Poeta, cantora, compositora, escritora, grafiteira e militante feminista decolonial, do povo Aymara da Bolívia.

mundo, em qualquer tempo da história, que luta e se rebela contra um patriarcado que a oprime ou pretende oprimir”, define. Julieta ressalta que o feminismo comunitário não é uma corrente que deriva do feminismo tradicional eurocêntrico, e sim a forma única como ela e outras mulheres latino-americanas, principalmente de povos originários, passaram a enxergar e se posicionar. “Nós somos feministas comunitárias, e não feministas porque somos mais velhas do que as feministas, que ainda são juvenzinhas, surgiram em 1789 [risos]. Nós estamos lutando desde 1500”. (AFIUNE; ANJOS, 2020, s/p).

Por este motivo nos utilizaremos do feminismo comunitário para abordar trajetórias de mulheres indígenas da fronteira Sul do Brasil, mulheres que não se definem como feministas – na abordagem do feminismo branco - elas representam estes espaços de resistência, Fen’Nó e Janete da Veiga constroem em suas jornadas aspectos que se relacionam diretamente com a luta das mulheres do feminismo comunitário, aspectos estes que se mostram no dia a dia de cada uma e que influenciam diretamente em suas vidas e em suas lutas. Estudar o feminismo comunitário (indígena), que se coloca com um movimento recente em comparação com outras lutas femininas, como a das mulheres brancas, promove a oportunidade e a necessidade de explorarmos uma vertente que inclua essas mulheres com suas particularidades culturais e que lutam por seus direitos, igualdade e respeito em campos que são recentes para estas, como as universidades, além disso, dá destaque às narrativas invisíveis até o momento, que também possuem elementos para a construção de uma história de pautas étnicas, contada por mulheres indígenas.

Vivências como a de Fen’Nó e suas descendentes são importantes para a desconstrução e descolonização de algumas abordagens ainda vigentes ligadas a mulher indígena como um todo, desmembrando concepções coloniais que ainda se fazem presentes nos dias atuais e precisam ser debatidas, para que mais mulheres ocupem posições de destaque e sejam reconhecidas e incluídas em meios acadêmicos, além disso conhecer Fen’Nó e Janete da Veiga evidenciam a complexidade de ser indígena e mulher, relacionando estas trajetórias na perspectiva do feminismo comunitário (étnica/racial<sup>13</sup> e de gênero), além de observar como estas indígenas mulheres são percebidas em sua sociedade.

Janete e Fen’Nó representam o princípio primordial que o feminismo comunitário representa, como Begonã Dorronsoro destaca em seu artigo: *El territorio cuerpo-tierra como espacio-tempo de resistencias y luchas en las mujeres indígenas y*

---

<sup>13</sup> Neste trabalho usamos o termo étnico – pertencimento étnico de mulheres (corpo) indígenas Kaingang. Termo racial é a partir das leituras do feminismo negro que enfatiza o corpo de mulheres não brancas e o poder exercido sobre e por elas. (COLLINS, 2019).



*originaria* (2013), trazendo as noções de corpo-território a partir de Lorena Cabnal:

El cuerpo como primer territorio de defensa cobra un significado especial, en el abordaje que están realizando las mujeres indígenas que trabajan en la elaboración epistemológica de un feminismo comunitario, donde la defensa del cuerpo-tierra integre la "recuperación y defensa del territorio tierra como una garantía del espacio concreto territorial donde se manifiesta la vida de los cuerpos" (Cabnal, 2010: 22-23). El feminismo comunitario unifica las luchas de recuperación de la tierra y de los cuerpos (cuerpo-tierra), frente a las violencias ejercidas contra los pueblos indígenas, y muy en especial contra las mujeres indígenas. (DORRONSORO, 2013)<sup>14</sup>.

O corpo da mulher indígena que está em um território se relaciona com este último, além das noções geográficas, espaciais, e físicas, mas de maneiras profundas culturais, sociais e espirituais, desta maneira o feminismo comunitário tem o papel fundamental de unir a diversidade de mulheres indígenas da América Latina com suas particularidades e defender seus princípios em comum: o corpo-território.

Como forma de compreender abordagens teóricas que partem de um viés decolonial<sup>15</sup>, utilizaremos de um conceito principal: feminismo comunitário (étnico, gênero) e a base teórica-metodológica baseada na decolonialidade, na descolonização de pensamentos e formas de pesquisa tradicionais. Recentemente, um espaço que mulheres indígenas estão ocupando é a educação como Baniwa (2018) enfatiza, e é neste contexto que o feminismo comunitário se desenvolve, assim ele abarca lutas que há muito tempo se fazem presentes, mas que não eram evidenciadas ou tratadas de uma forma mais eficaz pelo movimento feminista branco, as trajetórias de Cabnal (2021) e Paredes (2014) nos mostram que este feminismo tem suas bases no social, no cotidiano e no tradicional, pois não estavam escritos em trabalhos acadêmicos nem em livros, e sim presente na mentalidade e na memória.

---

<sup>14</sup> O corpo como primeiro território de defesa assume um significado especial, na abordagem que estão realizando as mulheres indígenas que trabalham na elaboração epistemológica de um feminismo comunitário, onde a defesa do corpo-terra integre a "recuperação e defesa do território-terra como uma garantia do espaço concreto territorial onde se manifesta a vida dos corpos" (Cabnal, 2010: 22-23). O feminismo comunitário unifica as lutas de recuperação da terra e dos corpos (corpo-terra), diante das violências exercidas contra os povos indígenas, e principalmente, contra mulheres indígenas. (Tradução da autora).

<sup>15</sup> Em seu artigo: América Latina e o Giro Decolonial (2013), Luciana Ballestrini procura dialogar com a construção da decolonialidade a partir de diversos autores base, como: Aníbal Quijano, Walter Dignolo e Catherine Walsh. A decolonialidade está relacionada às novas lentes que colocamos a problemas que a muito já são existentes na América Latina, porém como a autora aborda podemos identificar elementos de manifestações decoloniais muito antes de se utilizar este termo como: "Wama Pomam de Ayala – do vice-reinado peruano que enviou ao rei Felipe III em 1616 sua Nueva crónica y buen gobierno" (2013, p. 105).

Assim mulheres indígenas como Linda Tuhiwai Smith<sup>16</sup>, Braulina Aurora Baniwa, Joziléia Daniza Jagso Kaingang, Suliete Gervasio Monteiro, Alcineide Moreira Cordeiro, Lorena Cabnal e Julieta Paredes, por mais que sejam de espaços geográficos distantes (territórios e grupos étnicos diferentes), compartilham do mesmo sentimento de descolonizar metodologias e conceitos a partir de suas próprias vivências, se inserindo em um local de fala e destaque que as permite dar voz às suas necessidades, mas, além disso, as autoras citadas produzem pesquisas e trabalhos acadêmicos que acima de tudo auxiliam para tirar do esquecimento e da marginalidade histórias de mulheres originárias como elas, para que ocorra esse novo olhar e novas perspectivas no campo acadêmico, reconhecendo suas pautas e disputas no campo político e social.

Vivemos em um mundo e, principalmente em um país estruturado no colonialismo europeu, de uma história branca e masculina, para voltarmos nosso olhar ao protagonismo de mulheres contrárias a história do patriarcado, nos propomos a escuta da voz dessas mulheres indígenas, entendendo suas peculiaridades e os motivos/probleáticas que as deixam em certo apagamento histórico quando falamos de uma história dos povos indígenas. Para isto é necessário levar em conta o modo como estes povos enxergam o mundo e sua cultura, mas também as transformações ocorridas devido à colonização dos espaços nativos, a destruição e violências geradas pelos brancos.

As metodologias indígenas tendem a avaliar as convenções culturais, os valores e as condutas como suas partes integrantes. Esses são fatores que devem ser explicitamente incorporados à pesquisa, sobre os quais se deve pensar reflexivamente, cujos aspectos devem estar abertamente esclarecidos como parte de um plano de pesquisa e acerca dos quais se deve discutir como parte dos resultados finais de um estudo, entre outras coisas, para incluí-los na devolução e/ou divulgação, em uma linguagem compreensível pela comunidade. Porém, isso não impede que se escreva com o objetivo de publicar em meios acadêmicos; trata-se simplesmente de uma abordagem respeitosa e ética. Existem várias formas de divulgar conhecimentos e de assegurar que a pesquisa alcance as pessoas que contribuíram para a sua realização. Duas maneiras importantes, embora nem sempre adotadas pelas pesquisas científicas, são “devolver” às pessoas e “compartilhar conhecimentos”. Trata-se de dois modos que assumem um princípio de reciprocidade e feedback (retorno). (SMITH, 2018, p. 28).

Assim, Smith aponta que quando o homem branco realiza pesquisas em torno dos povos indígenas não ajuda a melhorar suas atuais condições, é necessário que caminhos sejam abertos para que mais pesquisadores indígenas apareçam, o que de

---

<sup>16</sup> Do povo Māori, Ngāti Awa e Ngāti Porou iwi, é pesquisadora, professora de educação indígena na Universidade de Waikato, (Hamilton) líder em educação indígena na Nova Zelândia e membro do Comitê Waitangi Tribunal.

certo modo está acontecendo, estes começam a tratar de questões sociais relacionadas a uma autodeterminação, descolonização e justiça social. Voltado à imagem da mulher, a autora também traz contribuições, segundo ela os relatos de viajantes no período de colonização era construído em torno de suas próprias concepções de gênero e sexualidade a partir de seu meio cultural, assim as observações feitas às mulheres indígenas as excluía, e quando apareciam era de uma forma desumana: “Uma égua (female horse), uma índia, uma fêmea nativa”[...]” (SMITH, 2018, p. 20). Ademais, o principal objetivo da autora é descolonizar de fato a pesquisa que brancos realizam em torno das sociedades indígenas e enriquecer o debate sobre a importância da produção por parte dessas populações a pesquisas culturais e sociais.

A forma como a pesquisa científica esteve implicada nos piores excessos do colonialismo mantém-se como uma história lembrada por muitos povos colonizados em todo o mundo. É uma história que ainda fere, no mais profundo sentido, a nossa humanidade. Apenas saber que alguém mediu nossas “faculdades” pelo preenchimento dos ossos de nossos ancestrais com semente de milho e equiparou a quantidade de sementes assim contida com a nossa capacidade de pensar ofende nosso senso de quem e do que somos. (SMITH, 2018, p. 11).

E ainda:

Neste exemplo, o Outro tem-se constituído com um nome, um rosto, uma identidade particular, a saber: *povos indígenas*. Embora seja mais comum (com exceção da pesquisa feminista) escrever a respeito da pesquisa no âmbito de um quadro de abordagem especificamente disciplinar ou científica, é extremamente difícil discutir metodologia de pesquisa e povos indígenas de maneira simultânea, sem que se faça uma análise do imperialismo, sem compreender as complexas maneiras pelas quais a busca de conhecimento está profundamente incrustada nas múltiplas camadas do imperialismo e das práticas coloniais. (SMITH, 2018, p. 11, grifo do autor).

Smith, pesquisadora indígena procura difundir na sociedade e nas pessoas em geral que se aproximam de seus trabalhos a decolonialidade. Esse termo vem cada vez mais presente no meio acadêmico, e procura aproximar vivências até pouco não consideradas científicas como fonte de conhecimento. A América Latina se localiza pelo que chamamos de Sul global e recebe influência direta do Norte, este que por muito tempo dita os caminhos em todos os âmbitos para o restante do mundo, como a educação, política, cultura, entre outros. Por este motivo a decolonialidade se faz cada vez mais importante, é a proposta de se libertar deste modelo euro centrado imposto a sociedades que em sua essência se organizam de formas diversas. Elizabeth de Souza Oliveira e Marizete Lucini nas palavras de autores como Mignolo destacam:

Este pensamento decolonial, por sua vez, é ocasionado pelo “giro decolonial” que se refere ao ato de abrir o pensamento ou, como Mignolo se refere, é o

ato de se “desprender da camisa de força” para outras formas de vida fora da naturalização da ilusão que é a modernidade e seu lado mais obscuro, a colonialidade, seja ela do poder (a matriz colonial do poder que é capitalista) ou das suas derivações: do saber, do ser e da natureza. (OLIVEIRA; LUCINI, 2021, p. 99).

Além de Mignolo, Catherine Walsh é uma pesquisadora muito importante desta esfera na América Latina, ela acredita e entende que a luta contra a colonialidade existe a muito antes do termo decolonial, é um embate antigo, que se faz presente desde o momento da chegada do homem branco a Abya Yala, evidenciado por movimentos sociais e protestos, mas também pela própria manutenção das culturas tradicionais de povos nativos e sua resistência a tentativas contínuas de extermínio, não somente física, mas cultural e social também. Por isso Walsh procura construir em suas pesquisas a interculturalidade que deve caminhar ao lado da decolonialidade, como abordado no artigo produzido por Manuel Tavares e Sandra Rosa Gomes:

Na América Latina, a interculturalidade tem um significado específico: “ela está ligada às geopolíticas do espaço e do lugar, às lutas históricas e atuais dos povos indígenas e negros e à construção de projetos sociais, culturais, políticos, éticos e epistêmicos, orientados para a transformação social e para a descolonização”. (WALSH, 2006, p. 21). Mais do que um conceito que faz o apelo e promove a interação e comunicação entre culturas e saberes, o significado que lhe é atribuído assinala a necessidade de construção de outros modelos de conhecimento e de produção epistêmica, de outros modelos educativos e pedagógicos, de uma outra prática política, de um outro poder social e de uma outra sociedade, o que supõe e implica o desvio das formas de poder dominantes e dos paradigmas sociais e epistemológicos de caráter eurocêntrico e colonial. (TAVARES; GOMES, 2018, p. 57).

Mais além de resistir por ser uma mulher, as mulheres indígenas também levam consigo a luta relacionada ao pertencimento étnico, estas como já mencionado não se enquadram no que conhecemos como feminismo branco, ou seja, quando falamos em feminismo comunitário, devemos entender que esse grupo que se forma a partir desta linha, levam em consideração todas as questões que envolvem o ser indígena – o corpo-território. Para pensarmos o corpo que se rebela procuramos diálogo entre o feminismo comunitário e o feminismo negro, pesquisadoras como bell hooks e suas antecessoras passaram a questionar como o feminismo até então exercido por mulheres brancas impactava na vida de mulheres negras, nele encontramos suporte para compreender que o feminismo branco não contempla essas mulheres, e justamente é nele que também identificamos apagamentos relacionados à raça, da mesma forma que os próprios homens de seus respectivos povos e culturas cometem também uma parcela de negação a essas mulheres.

bell hooks em seu livro intitulado: *Eu não sou uma mulher* (2022), podemos

destacar alguns pontos principais para este debate. Apesar do foco de bell hooks ser mulheres negras, conseguimos muito bem utilizar de suas pesquisas e produções para pensar essas relações também com mulheres indígenas. A autora busca enfatizar não somente nesta obra, mas em todos seus trabalhos a teoria feminista para a libertação não somente da opressão sexista, mas do racismo, da exploração de classe e outras violações operadas da vida social.

Meu envolvimento intenso com a criação de uma consciência feminina me levou a confrontar a realidade das diferenças de raça, classe e gênero. Assim como me rebelei contra as noções sexistas do lugar da mulher, desafiei as noções de lugar e identidade da mulher dentro dos círculos de movimento de libertação da mulher; não consegui encontrar meu lugar dentro do movimento. Minha experiência como jovem negra não era reconhecida. Minha voz, assim como a de mulheres como eu, não era ouvida. Sobretudo, o movimento mostrou como eu me conhecia pouco e também como conhecia pouco meu espaço na sociedade. (hooks, 2022, p. 10).

[...]

Desde o início do meu envolvimento com o movimento de mulheres fiquei perturbada pela insistência das liberacionistas brancas de que etnia e sexo eram duas questões separadas. Minha experiência de vida me mostrou que as duas questões eram inseparáveis, que, no momento de meu nascimento, dois fatores determinaram meu destino, o fato de eu ter nascido negra e o fato de eu ter nascido mulher. (hooks, 2022, p. 35).

Ou seja, além de sofrer as consequências de uma colonização sexista, machista, étnica e racista, essas mulheres que fazem parte de um grupo invisibilizado, ainda precisam lidar com um feminismo que se construiu inicialmente por mulheres brancas que minimizavam as injustiças e as lutas de mulheres não brancas. Por fim outro ponto essencial apresentado por hooks é como dentro da própria comunidade negra – e aqui podemos pensar a comunidade indígena - os homens acabam excluindo as mulheres de suas lutas, assim, por mais que estes sujeitos vivassem embates parecidos com suas companheiras ou diversas outras integrantes do grupo, estes a reprimem e diminuem quando buscam reivindicar direitos básicos. Por este motivo o feminismo comunitário se faz tão necessário, neste, estas mulheres conseguem encontrar apoio e representatividade para suas especificidades culturais e sociais.

### 1.3 O LEGADO PERMANECE:

Mesmo após anos de disputa pela terra sabemos que a luta não foi findada no século XX, ainda hoje os povos originários enfrentam dificuldades frente as políticas públicas para demarcação de suas terras, este por sua vez é um processo lento e que por vezes demora muitos anos para efetivação. Podemos observar abaixo duas tabelas

disponibilizadas pela FUNAI<sup>17</sup> em relação às terras indígenas em processo de demarcação e as solicitações dos povos originários em análise, apenas no Estado de Santa Catarina:

Tabela 01: Territórios indígenas em processo de demarcação e já concluídas

<b>Terra Indígena</b>	<b>Município</b>	<b>Etnia</b>	<b>Tipo</b>	<b>Situação</b>
Águas Claras	Major Gercino	Guarani Mbya	R.I <sup>18</sup>	Concluído
Aldeia Kondá	Chapecó	Kaingan	R.I	Processo de Aquisição
Amaral/Tekoá Kuriy	Biguaçu	Guarani Mbya	R.I	Demarcação
Barragem do Norte	José Boiteux	Xoklém	R.I	Cessão de uso
Cachoeira dos Inácios	Imaruí	Guarani Mbya	R.I	Demarcação
Cambirela	Palhoça	Guarani Mbya	T.I	Estudos antropológicos
Canelinha	Canelinha	Guarani Mbya	R.I	Certidão SPU
Guarani de Araçai	Saudades, Cunha Porã	Guarani	T.I	Demarcação
Ibirama	Doutor Pedrinho, Itaiópolis, José Boiteux, Vitor Meeireles	Kaingan, Guarani, Xoklém	T.I	Concluído
Ibirama-La Klãnô	Doutor Pedrinho, Itaiópolis, José Boiteux, Rio	Kaingan, Guarani, Xoklém	T.I	Demarcação

<sup>17</sup> Fundação Nacional do Índio.

<sup>18</sup> Reserva Indígena.

	Negrinho, Vitor Meeireles			
Massiambu	Palhoça	Guarani Mbya	T.I	Em estudo
Mbiguaçu	Biguaçu	Guarani Mbya, Guarani Nhandeva	T.I	Concluído
Mbiguaçu	Biguaçu	Guarani Mbya, Guarani Nhandeva	T.I	Em estudo
Morro Alto	São Francisco do Sul	Guarani Mbya	T.I	Exame do Min. justiça
Morro da Palha	Biguaçu	Guarani Mbya	R.I	Registro cartorial
Morro dos Cavalos	Palhoça	Guarani	T.I	Demarcação
Palmas	Palmas, Abelardo Luz	Kaingang	T.I	Concluído
Pindoty	Balneário Barra do Sul, Araquari	Garani Mbya	T.I	Homologada
Pinhal	Seara	Kaingang	T.I	Demarcação
Pirai	Araquari	Gurani Mbya	T.I	Homologada
Rio dos Pardos	Porto União	Xokéng	T.I	Concluído
Tarumã	Araquari, Balneário Barra do Sul	Guarani Mbya	T.I	Demarcação
Toldo Chimbangué	Chapecó	Kaingang	T.I	Concluído
Toldo Chimbangué II	Chapecó	Kaingang	T.I	Concluído
Toldo Imbu	Abelardo Luz	Kaingang	T.I	Homologada
Toldo Pinhal	Arvoredo, Paial, Seara	Kaingang	T.I	Demarcação
Xapecó	Abelardo Luz, Entre Rios,	Kaingang, Guarani	T.I	Demarcação

	Ipuaçu			
Xapecó (Pinhalzinho – Canhadão)	Abelardo Luz, Ipuaçu	Guarani, Kaingang	T.I	Demarcação
Ygua Porã (Amâncio)	Biguaçu	Guarani	T.I	Em estudo

19

Tabela 02: Solicitações feitas pelos povos originários para estudo

<b>Nome</b>	<b>Etnia</b>	<b>Data registro</b>	<b>Tipo</b>	<b>Município</b>
Yakã Porã	Guarani Mbya	24/05/2006	Identificação	Guaruva
Aldeia Kondá	Kaingang	02/08/2007	Reestudo	Chapecó
Cachoeira dos Inácios	Guarani	13/08/2007	Identificação	Imaruí
Serra Dona Francisca	Guarani	13/08/2007	Identificação	Joinville
Marechal Bormann	Kaingang	21/07/2008	Identificação	Chapecó
Kaingang de Fraiburgo	Kaingang	19/02/2010	Identificação	Fraiburgo
Yvy Ju/Reta / Aquisição	Guarani	14/06/2011	Constituição RI	São Francisco do Sul
Palmas	Kaingang	04/10/2011	Reestudo	Abelardo Luz, Palmas
Reta-Tapera	Guarani Mbya	13/02/2013	Identificação	São Francisco do Sul
Linha Limeira (Aldeia Pinhalzinho)	Kaingang	28/06/2016	Identificação	Abelardo Luz, Ipuaçu
Kaingang de Mafra	Kaingang	25/01/2019	Constituição RI	Mafra
Gruta do Tigre	Xoklêng,	1703/2023	Identificação	Rio do Oeste

<sup>19</sup> Tabela disponibilizada pela sede da FUNAI em Chapecó.



	Kaingang			
--	----------	--	--	--

20

Como podemos observar muitos espaços estão ainda em processo de regularização, até mais do que os já concluídos, observamos com isso que a luta continua e é necessária, enquanto estes territórios não tem sua demarcação finalizada estes povos não tem garantia de um espaço seguro, além do mais mesmo após a demarcação sofrem constantes ataques das políticas públicas e da população em geral que não reconhece seu pertencimento. A recente aprovação da PL 490<sup>21</sup>, diz sim ao Marco temporal que considera a data da promulgação da Constituição Federal brasileira, 5 de outubro de 1988, como marco jurídico para o reconhecimento do direito sobre os territórios indígenas, é prova viva de que os direitos aos povo originários são constantemente atacados, esse projeto de lei além de barrar as demarcações de terras altera o uso exclusivo destes espaços pelos povos indígenas que irão sofrer explorações constantes como do garimpo, ou sempre que houver interesse do governo sem mesmo consultar as etnias que habitam nestes locais. Deste modo, evocamos aqui que a luta não acabou, o legado de Fen’Nó e tantas outras mulheres continua vivo e presente nas tantas barreiras que precisam serem quebradas.

#### 1.4 ESTRUTURA MONOGRÁFICA:

A ideia é dialogar com todas estas questões em dois capítulos, o primeiro destinado a construir uma revisão bibliográfica do que já se tem produzido sobre Fen’Nó, que incluem majoritariamente sua participação na demarcação das terras da T.I Toldo Chimbangue, por isso serão reunidos produções de artigos, trabalhos acadêmicos e documentário produzido e intitulado: Fendó, tributo a uma guerreira (2000), todos estes serão abordados a partir do conceito de feminismo comunitário e da decolonialidade.

O segundo capítulo procura construir a trajetória de Janete da Veiga, abordando a complexidade de ser mulher indígena, evidenciando sua vivência e construindo um ponto de conexão com suas antepassadas até Fen’Nó, essa pesquisa é moldada a partir de rodas de conversas.

<sup>20</sup> Tabela disponibilizada pela sede da FUNAI em Chapecó.

<sup>21</sup> Informações retiradas da revista Politize, disponível em: <https://www.politize.com.br/pl-do-marco-temporal/>, acesso em 13 de junho de 2023.

No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor percepção, de franco compartilhamento. (MOURA; LIMA, 2014, p. 98).

Assim, dialogamos com Janete da Veiga para entender as questões que são importantes em sua trajetória, como a vida universitária e os saberes, não propondo uma entrevista apenas com perguntas definidas, mas que ela enquanto mulher indígena conte e dialogue sobre suas experiências, todas estas questões também serão metodologicamente trabalhadas em conjunto com a decolonialidade e o feminismo comunitário. As pautas aqui levantadas buscam de diversas maneiras – sejam elas de análise ao material bibliográfico e referências ou na realização de rodas de conversa – construir e balizar o debate em torno da figura da mulher indígena, especificamente de Fen’Nó e suas descendentes, evidenciando Janete da Veiga. Como possível solução para o apagamento de sua trajetória podemos inicialmente apontar as questões étnicas, a colonização e diversas outras violências empreendidas contra a população indígena, porém, desejamos aqui encontrar motivações de gênero e etnia que ferem o conjunto de mulheres indígenas que tem seus direitos ainda violados. Ademais, cooperar para o debate ligado a mulheres indígenas e ao feminismo comunitário pode apresentar caminhos interessantes de pesquisa e análise voltados para o espaço feminino do Oeste de Santa Catarina.

## 2. CORPO-TERRITÓRIO EM PERSPECTIVA: A TRAJETÓRIA DE ANA DA LUZ FORTES DO NASCIMENTO, FEN'NÓ:

### 2.1 CONTEXTO DAS LUTAS:

Após mais de uma década de lutas pela demarcação da T.I Toldo Chimbanguê, Fen'Nó ganha destaque no cenário municipal e recebe homenagem da prefeitura no dia da mulher no ano de 1999 (ver imagem 01), um ano depois é lançado o documentário intitulado *Fendô – Tributo à uma guerreira*<sup>22</sup> (2000), produzido pela Penna Filho Produções. Este por sua vez tem intuito de situar em pouco tempo o contexto em que os Kaingang se encontravam antes da demarcação, ao mesmo tempo o documentário procura colocar a imagem de Fen'Nó como centro e como figura feminina importante para as lutas e resistência deste povo. A seguir ilustramos dois momentos da vida de Fen'Nó, e nas próximas páginas imagens disponíveis no documentário, para que possamos compreender como seu corpo-território fala em lugares diferentes, analisando o contexto em que se inserem, através da concepção e a conexão com o feminismo comunitário e com a decolonialidade.

Imagem 01: Homenagem à Fen'Nó



Fen'Nó recebendo homenagem pelo dia da Mulher na prefeitura de Chapecó em 1999, ela recebe flores da então vereadora Maria Aparecida dos Santos. Fonte: Os Brasis e suas memórias. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-fenno/>, acesso em 15 de fev. de 2023.

Nesta primeira imagem Fen'Nó já havia passado pelo processo de luta e de conquista pela demarcação de terras, em resultado de seus atos e sua posição frente ao movimento a Prefeitura Municipal de Chapecó faz uma homenagem a ela no Dia da Mulher proposta pela Câmara de vereadores da cidade. Fen'Nó sempre apresenta ser uma mulher tranquila, transmitindo serenidade aos que estão ao seu redor, podemos

<sup>22</sup> Documentário “Féndô Tributo a uma Guerreira”. A grafia do nome da protagonista é usada em português, conforme pronuncia. Aqui utilizamos grafia em Kaingang para referenciar a Fen'Nó.

perceber por esta imagem que apesar de já se encontrar em idade avançada<sup>23</sup> ainda, se faz presente em momentos como este para reforçar a conquista do território e sua representação, evidenciando que as terras recebidas não foram disponibilizadas de bom grado, mas sim que representam a conquista de um povo por seu território de direito.

Imagem 02: Fen'Nó em seu território



Fen'Nó em sua casa/território no Toldo Chimbangue, ela atravessa uma ponte, feita por sua própria família para atravessar o rio que passa perto a sua casa, está de chapéu, carregando um cesto e utilizando apoio feito de madeira para facilitar a passagem. Fonte: Os Brasis e suas memórias. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-fenno/>, acesso em 15 de fev. de 2023.

Acima Fen'Nó está em seu espaço de pertencimento, é uma das fotos que mais aparecem quando procuramos seu nome na internet. Carrega em si as características de seu local de fala, a ponte feita de tábuas de madeira, o cesto, e a utilização de um pedaço de galho de árvore para facilitar a passagem são elementos transformados/produzidos pelo seu próprio povo, e certamente ela mesmo pode ter confeccionado o cesto. As roupas, as sandálias no pé e o chapéu evocam sua maneira de se relacionar com o espaço que ela vive, com simplicidade, conexões que se colocam além do sentido físico que o território proporciona, mas uma conexão ancestral, de espiritualidade e tradição. Podemos observar que as duas imagens acima possuem semelhanças, a serenidade da figura principal, mas também o cabelo, que permanece preso em coque. Fen'Nó possui um cabelo muito longo, marcados pelos traços da sua trajetória, com mesclas da sua cor natural e da tonalidade grisalha. Seu cabelo é um sinal de oposição ao ocidental e ao patriarcado, como também identificamos nas

---

<sup>23</sup> Aqui utilizaremos a pesquisa da socióloga Savoldi, localizando o nascimento de Fen'Nó em setembro de 1898, a autora destaca que seu documento de registro informa 1916/1917, porém o provável é que esse seja o ano de seu batismo.

próximas imagens, pois mesmo estando em locais diferentes mantém seu cabelo único, que compõe sua representação<sup>24</sup>. Além de ser uma oposição ao patriarcado, o coque que muitas mulheres indígenas usam até hoje representa a identidade desta mulher, envolve o respeito que os demais na comunidade dirigem a ela, uma mãe, avó, mulher, na maioria das vezes está de cabelo preso em coque, elementos evidentes da transmissão oral e da ancestralidade.

É importante situarmos quem são os Kaingang e como se organizam culturalmente neste espaço, para compreendermos o contexto em que a figura principal deste capítulo se encontra. Fen'Nó contava que nasceu no Pinhal, uma das terras identificadas do povo Kaingang, que se situam em todos os Estados do Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), pertencem à família linguística Macro-Jê, e se organizam a partir dos clãs ancestrais Kamé e Kairu<sup>25</sup>, que Savoldi aborda a partir de Nacke:

[...] Para Nacke, "os Kaingang, como outros grupos da família linguística Macro-Jê, organizam sua sociedade em metades exogâmicas, denominada Kamé e Kairu, que mantém entre si relações assimétricas e complementares" (2003, p. 35). Segundo a autora, o mito de origem Kaingang considera Kamé e Kairu como seus ancestrais. A organização dual se expressa na concepção de mundo Kaingang, tudo é classificado como pertencendo à metade Kamé ou Kairu, tanto humanos, como animais, enfim, toda a natureza. O pinheiro é Kamé e o cedro é Kairu. Portanto, o pinheiro, além de ser fonte de alimento para os Kaingang, também faz parte da cosmologia. No ritual de "Culto aos mortos" o pinheiro serve de cocho para a maturação e conservação da bebida,

<sup>24</sup> Quando falamos de sociedades não brancas, o cabelo se torna um aspecto muito importante, principalmente quando se trata de mulheres. Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação* (2020) procura trazer todos esses pontos. O cabelo se torna um padrão a ser seguido, quando indivíduos brancos veem cabelos diferentes logo procuram questionar como se cuida ou lava esse cabelo, ou a pressupor que por ter esse cabelo a pessoa é suja e não cuida de sua higiene, todos esses temas envolvem o controle desses corpos e a produção de sinais de branquitude. "Sujeira e selvageria estão ligadas, de forma muito íntima, a aspectos que a sociedade *branca* reprimiu – sexualidade e agressão – e consequentemente projetou nas/os "Outras/os"" (KILOMBA, 2020, p. 124).

<sup>25</sup> Segundo a antropóloga Juracilda Veiga em texto disponível no Portal Kaingang ([http://www.portalkaingang.org/index\\_cultura\\_2\\_3.htm](http://www.portalkaingang.org/index_cultura_2_3.htm)) "As metades são homônimas dos heróis míticos, conforme relata Nimuendaju: "a tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão (...) Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome Kañerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Kañerú e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções" (Nimuendaju [1913] 1993:58-9). Se aos Kañerú cabia iniciar o combate eram os Kamé que davam conta da guerra, sustentando a luta. Os seres e objetos do mundo natural estão relacionados a essas metades, conforme a aparência que tenham para os Kaingang os objetos, coisas e animais: se são redondos (proporcionalmente semelhantes nas suas dimensões de altura e largura) são classificados como *ror* (KAIRU) e se são compridos (desproporcionais nas dimensões de altura e largura) são *téi* (KAMÉ). Submeti uma listagem de nomes Kaingang à alguns velhos para saber se eram nomes Kamé e Kairu. Um deles comentou: "Ngrá é nome Kairu, é a samambainha; não vê que ela vive fechado, é Kairu". De fato, esse tipo de samambaia tende a enrolar suas pontas, dando uma aparência arredondada a estas. Parece que é a isso que os Kaingang referem como "fechado """.

que é fundamental para o desenvolvimento do ritual. (SAVOLDI, 2020, p. 64).

Com a chegada dos colonizadores no século XIX essas populações sofreram a perda de seus territórios, marcado por violência, intolerância e perseguição. Os chamados colonos aos poucos foram ocupando estes espaços não reconhecidos como terras indígenas para instalar suas casas e plantações, além disso, a mata que fazia parte do cenário foi amplamente desmatada, o que conseqüentemente afetava a sobrevivência dos povos originários e sua permanência neste local. Este claramente é o contexto em que Fen'Nó narra para o entrevistador, uma narrativa que viveu desde o momento de seu nascimento, aparentemente, quando ainda era uma criança, seu povo já estava sofrendo com o deslocamento que os levaram até as margens do rio Irani, onde viveram sem interferência, segundo Silva (2006) até 1917, a partir disto o processo colonizador começou a fechar o cerco para essas populações. Especificamente no Toldo Chimbangue essa invasão ocorreu em 1940 protagonizado pela colonizadora Empresa Luce Rosa & Cia, como Savoldi (2020) destaca a partir de Brighenti:

Brighenti (2012, p. 37) afirma que os “Kaingang do Toldo Chimbangue durante pelo menos meio século ficaram afastados de suas terras, espalhados pela região, não mais reconhecidos pelos regionais em sua identidade Kaingang.” Conforme o autor, algumas famílias ficaram acampadas nas margens do Rio Irani e viviam como agregados. (SAVOLDI, 2020, p. 67).

Deste modo, não apenas Fen'Nó, mas toda a população viu suas terras serem devastadas, ocupadas, sua cultura e suas vivências serem atacados por indivíduos que eles desconheciam e os tratavam como inferiores. Neste processo de ocupação pelos brancos e desterritorialização dos Kaingang, podemos imaginar que diversos foram mortos e feridos, os embates se tornaram inevitáveis e a violência era a única forma vista pelos colonos de garantirem sua posse pela terra. Esta não é somente a violência vinda de sujeitos individuais, mas a negligência de um país/Estado que não reconhecia, nem defendia minimamente a existência das populações indígenas. É importante salientar que desde 1940 até a década de 1970 essa população viveu as margens do rio Irani, sofrendo pressão dos colonos brancos ‘de origem’<sup>26</sup>, muitos indígenas e famílias trabalhavam para os primeiros, com processos de arrendamento de terras, o que muitas vezes não garantia a sobrevivência.

---

<sup>26</sup> Essa categoria é utilizada pela autora Arlene Renk em seus trabalhos, aqui utilizamos seu livro intitulado: A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense (2006).

Com a chegada da década de 1970 as lutas para garantir legalmente as terras por parte da população indígena se intensifica, o CIMI<sup>27</sup> é um importante aliado neste momento. Além da empresa colonizadora que já atuava a anos neste espaço, no final desta década a agroindústria com crescimento na região, se mostrou outro inimigo, como salienta Silva (2006):

Se a situação dos Kaingáng do Chimbangue na primeira metade do século XX já era alarmante, os anos de 1970 chegaram trazendo mais turbulências à vida dessa comunidade, pois foi nesse período que começou a despontar no Oeste catarinense um novo filão econômico, a saber: a agroindústria. O aparecimento dessa atividade valorizou ainda mais as terras da região, que, por seu turno, tornou ainda mais acalorado os embates pela posse das mesmas. (SILVA, 2006, p. 69).

[...]

Os indígenas desarticulados, tal qual se esvaem os grãos de areia de uma ampulheta, viam escorrer por entre seus dedos o solo onde nasceram seus antepassados. Entretanto, assim como uma ampulheta tem dois lados, os anos de 1970 também apresentaram duas faces, pois se verificou a precarização das condições de vida dos Kaingáng do Toldo Chimbangue, mas foi nessa época também que começa a se descortinar uma nova realidade, a de retomada de suas terras por meio de uma ação mais organizada e ampla. (SILVA, 2006, p. 70).

Apontar esse grande recorte histórico se faz necessário para situar as vidas Kaingang nesta região, a sociedade que Fen'Nó estava inserida, os embates que precisou enfrentar para poder ver sua terra reconhecida e demarcada legalmente. Além disso, a brevidade dos fatos aqui descritos se dá por já existirem inúmeras pesquisas que abordam de maneira detalhada<sup>28</sup>.

## 2.2 RESISTÊNCIAS DE MULHERES INDÍGENAS:

É neste contexto que Ana Luz Fortes do Nascimento a Fen'Nó, surge no cenário da cidade de Chapecó, através das lutas de resistência da população indígena. Ela foi uma das pessoas que se fez presente na ocupação em Brasília (DF) pelo direito de seus filhos, de seus parentes (povo Kaingang) possuírem uma terra para chamar de sua, não apenas em espaço físico, mas por que os Kaingang enterram o umbigo de seus filhos e esse ato é considerado sagrado, onde o umbigo está abaixo do solo é onde devem permanecer, evidenciando que a terra para essa comunidade é considerada como mãe.

<sup>27</sup> Conselho Indigenista Missionário.

<sup>28</sup> Citamos: *Cosmologia e Práticas Rituais Kaingang de Juracilda Veiga* (2000); *Memórias que Lutam por Identidade: A Demarcação da Terra Indígena Toldo Chimbangue (SC) – 1970 – 1986* de Marcos Antônio da Silva (2006); *Rituais de Rebelião à Brasileira: Distintividade cultural e reconhecimento étnico nas Semanas Culturais do Toldo Chimbangue em Chapecó-SC* de Adiles Savoldi (2020).

Enfatizando sua relação não de exploração como o homem branco, que se apropria da terra como objeto de troca, mas uma relação que envolve tradição, cultura e espiritualidade, o que se mostra mais relevante a essas populações que tem um contato particular com o espaço e com seu território, de cuidado e de afeto, principalmente com a memória e com suas vivências. Segundo o mito de existência dos Kaingang, seus ancestrais saíram de um buraco na terra.

Se tratando de terra e território para nós povos indígenas é como se estivéssemos falando da nossa própria vida e existência, pois, como muitas lideranças nossas dizem, sem território nós não existimos, não temos casa, saúde e educação. E assim lutamos diariamente pela defesa e proteção dos nossos territórios, diante de muita resistência e luta, conseguimos manter nossas culturas, línguas, crenças e tradições. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020, p. 23).

No documentário *Fendó – Tributo a uma Guerreira* (2000) também podemos observar que Fen’Nó inicia sua fala com “o branco é um inço”, colocando em foco sua posição frente aos longos anos de colonização e ocupação das terras pertencentes aos Kaingang, a palavra inço se refere ao equivalente a erva daninha, fazendo um paralelo com a violência e as práticas colonizadoras que não respeitavam as comunidades nativas e não reconheciam seu modo de vida. Fen’Nó ainda recorda do tempo sem o contato com o branco, a abundância do pinhão, dos banhos de rio e da pesca de peixe, segundo ela o branco sujou tudo, trouxe o veneno que polui os rios e a natureza, antes segundo ela: “A gente vivia na mata, me criei com a onça. O tigre era meu vizinho. Não tinha medo. Comi até carne de tigre”<sup>29</sup>. Em todas suas falas ela demonstra seu apego e contato respeitosos pela natureza.

Lutar pelos direitos de nossos territórios é lutar pelo nosso direito à vida. A vida e o território são a mesma coisa, pois a terra nos dá nosso alimento, nossa medicina tradicional, nossa saúde e nossa dignidade. Perder o território é perder nossa mãe. Quem tem território, tem mãe, tem colo. E quem tem colo tem cura. (Marcha das Mulheres Indígenas: “Território: nosso corpo, nosso espírito”. 2019, p.02)<sup>30</sup>.

Ao lembrar esses momentos, Fen’Nó comenta que criou seus oito filhos, dois homens: Antônio da Veiga e Sebastião da Veiga e seis mulheres: Iracema Verrel, Maria Gandão, Laudelina da Veiga, Leandra da Veiga, Armerena Soares e Carmelinda Xaves, com muita dificuldade, assim como sua mãe a criou, também os ensinou a ter valor pela terra, a plantar e colher dela tudo que necessita, além disso ela é reconhecida não apenas

<sup>29</sup> Documentário *Fendó – Tributo a uma Guerreira* (2000), Penna Filho Produções, 15min24sg.

<sup>30</sup> Marcha das Mulheres Indígenas: “Território: nosso corpo, nosso espírito”, 2019. Disponível em: <https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2019/08/DOCUMENTO-FINAL-MARCHA-2019.pdf>. Acesso em 15 de fev. de 2023.



como mãe de seus filhos, mas de todos, e muitos que a viram lutar pelo reconhecimento de seu espaço, em parte por também ser parteira e ajudado dar luz a muitos que moraram no Toldo Chimbangue.

A atividade das parteiras é de fundamental importância não apenas na hora do parto, mas também no cuidado da criança e na participação da educação delas. De forma que são chamadas por essas crianças de mãe, ou seja, aquela que também as trouxe ao mundo. E assim essas mães fazem parte tanto da história de vida das crianças como também da aldeia, uma vez que seus nomes atravessam juntamente com as histórias orais. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020, p. 33).

Fen'Nó acima de um exemplo de resistência, é uma mãe, uma mulher que devemos reconhecer, ouvi-la. Desta maneira, observamos que a trajetória desta mulher indígena se conecta em muito com o feminismo comunitário, as narrativas apresentadas por escritoras mulheres de toda Abya Yala evidenciam isso, é necessário que exista trabalhos e movimentos que contem a história destas mulheres. Sabemos que a construção do gênero e o sexíssimo envolvem as sociedades ocidentais, como bell hooks (2020) destaca, apesar de muitos povos tradicionais não identificarem relações sexistas em suas comunidades, compreendemos que atualmente e no período em que Fen'Nó traçou suas vivências o contato com o branco, fez com que questões como o sexíssimo adentrassem esses grupos e alterasse suas relações, além de sofrer interferência e julgamentos de fora. Yasmin dos Santos Sagás e Ana Lúcia Vulfe Nötzold a partir de Pacheco (2004) em um artigo intitulado: *Mulheres Kaingang enquanto agentes sociopolíticas* (2016) dialogam com essas especificidades na comunidade Kaingang:

No entanto, muitas mudanças ocorreram após o contato com os não índios e os aldeamentos, o que mudou visivelmente os papéis atribuídos a partir dos gêneros. Recentemente essas mulheres vêm se mostrando cada vez mais ativas dentro da política, seja no âmbito local ou nacional. Segundo Pacheco, “é impossível deixar de lado a influência de Vanuíre, a indígena que teve o grande papel no aldeamento dos Kaingang paulistas, ou mais recentemente a heroica Fendô3 na luta pela demarcação do Toldo Chimbangue” (PACHECO, 2004, p. 36). (SAGÁS, NÖTZOLD, 2016, p. 02).

Por essas questões é urgente construirmos em contato com estas mulheres, como Fen'Nó lutou contra todo um sistema, não apenas pela demarcação de sua terra, ela sai dos padrões ocidentais impostos sob seu corpo, então por esse motivo em todos os âmbitos ela representa resistência frente ao colonialismo, capitalismo, sexíssimo e ao patriarcado.

Mas vou a um ponto vital, que creio ser importante compartilhar com vocês. Começamos a questionar vários feminismos que estão dialogando nos territórios indígenas, porque também são irmãs, companheiras e cúmplices nessa Rede da Vida, que muitas vezes nomeiam as opressões das mulheres

como opressões padronizadas no mundo. Não queremos hierarquizar opressões, mas é importante dizer que há diferenças políticas, históricas, estruturais e territoriais nos corpos e na terra. É importante trazer a dimensão política enquanto feministas que nós, mulheres indígenas, estamos dizendo que existe um patriarcado ancestral originário e que para nós é importante desvendá-lo desde esse lugar de enunciação que é a terra onde nascemos, com as múltiplas opressões do sistema patriarcal. Porque é o sistema patriarcal originário que se gestou antes da colonização. É uma forma patriarcal que tem uma configuração diferente daquela que nos chegou há 526 anos, que cruzou o mar em barcos e nos trouxe outras formas patriarcais que operavam lá, do outro lado. O patriarcado ancestral originário tem sua própria temporalidade, seu contexto, sua maneira de se manifestar. (CABNAL, 2011, p. 07)

De fato, não podemos negar como a mulher Fen'Nó se tornou marcante para a época, no documentário em questão “ela é um caso raro de liderança feminina entre os índios”<sup>31</sup>, palavras estas utilizadas pelo narrador do vídeo acabam evocando que as mulheres destas populações não estavam habituadas a tomar liderança em narrativas políticas, porém esse acaba se tornando um discurso baseado nas sociedades ocidentais, envolto no patriarcado e no sexíssimo, compreendemos que o contato com o branco moldou as relações entre os indígenas, entretanto ao analisarmos as imagens disponíveis de Fen'Nó em sua comunidade percebemos respeito por parte dos homens indígenas a sua liderança frente ao movimento, por este motivo não podemos apenas nos basear nas concepções de gênero e suas implicações a partir de narrativas eurocentradas. Como acontece em todo o mundo, as mulheres, indiferente de costumes ou etnias tendem a ser tratadas como indivíduos inferiores aos demais – masculinos -, o que não se torna diferente na vivência desta indígena mulher, porém o que devemos compreender, é que apesar de não estarem sempre à frente de decisões neste momento:

Com nós, mulheres Kaingang existe uma rede construída por laços afetivos, sanguíneos ou não. Estamos em constante troca de informações umas com as outras e muitas vezes conseguem, nessas trocas, articular ideias e as incutir nos seus companheiros de maneira que eles defendam essas ideias para favorecê-las nos contextos das comunidades. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 57).

---

<sup>31</sup> Documentário Fendó – Tributo a uma Guerreira (2000), Penna Filho Produções, 01min50sg.

Imagem 03: Fen'Nó entre os seus!



Fen'Nó dialoga sobre a demarcação de terras e a vida antes do contato com o branco, na foto estão presentes: Valdemar Fortes, seu sobrinho com a cuia de chimarrão na mão e camisa azul marinho, Laudelina da Veiga, sentada mais à frente de roupa branca, João Fortes ao seu lado direito, Felisbino Fortes ao seu lado esquerdo e Carmelinda Xaves ao lado de Felisbino<sup>32</sup>.

Esse importante registro acima representa Fen'Nó novamente em seu espaço de pertencimento, podemos destacar que a conversa é feita em roda, o que situa igualdade e respeito entre os presentes, um ato de escuta e de entendimento por Fen'Nó que toma a palavra, repare que os presentes (sua família) são apenas indígenas, ou seja, a importância de dialogar com seus semelhantes. Os bancos em que estão sentados são de madeira, e os detalhes indicam que foram feitos pela própria família, a presença do chimarrão indica um diálogo tranquilo de pessoas que partilham de um mesmo território. Fen'Nó impõe sua ancestralidade, sua sabedoria, de maneira simples, mas que evoca seu espaço de fala, traz sua força e sua luta em cada gesto e palavra. Em relação a importância da fala, do corpo, do relato de Fen'Nó a outros indivíduos indígenas, nos referenciaremos bell hooks para melhor compreendermos:

Seu silêncio sempre foi interpretado pelos brancos como uma questão cultural (afinal, índios não expressavam seus sentimentos abertamente). Isso nunca foi interpretado como uma reação a um trauma horrível ou a uma supressão psíquica profunda com o objetivo de sobreviver. Se Ishi preservasse as memórias do extermínio da comunidade yahi pelas pessoas brancas, dando testemunhos orais constantemente, poderia se tornar incapaz de viver entre os brancos com boa vontade. Ele nunca se esqueceu de sua história. Simplesmente se recusou a relatá-la. Tal compartilhamento poderia ridicularizar a intensidade de sua dor, poderia torná-lo cúmplice de seus opressores. Pois com quais palavras alguém pode descrever para o colonizador branco como ele devastou sua amada comunidade, as pessoas que lhe eram mais próximas? Ishi escolheu “controlar sua língua” se recusando até mesmo a revelar seu nome yahi. Refletindo a respeito dessa recusa, Kroeber explica: “Ele nunca revelou seu nome yahi próprio, secreto.

<sup>32</sup> Documentário Fendó – Tributo a uma Guerreira (2000), Penna Filho Produções, 12min10sg.

Era como se seu nome tivesse sido queimado na pira funeral junto das pessoas que ele amava”. É possível interpretar a omissão de seu nome como um gesto de resistência, pelo qual Ishi manteve separado o mundo de seus ancestrais desse novo mundo que passou a habitar. (hooks, 2019, p.279).

Quando se iniciou os processos de organização dessa comunidade em conjunto com o CIMI para defesa da terra, Fen’Nó assim como outras lideranças tomaram a frente e se dirigiram até Brasília em 1985 para se fazerem ouvir como destaca Savoldi (2020):

Durante três meses participou de inúmeras reuniões com ministros e assessores. Embora não soubesse ler e nem escrever, acompanhou atentamente as negociações. Seus comentários eram relatados como seguros e assertivos, como podem ser assistidos no filme de Penna Filho. “Eu fiquei uma semana dormindo dentro do prédio da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), e falei: daqui eu não saio. A gente estava sofrendo com a fome”. Fen’Nó estampou inúmeras matérias jornalísticas ao afirmar que só sairia com a garantia do reconhecimento da Terra do Chimbangue. (SAVOLDI, 2020, p. 106).

Imagem 04: Fen’Nó na capital federal

Imagem 05: Fen’Nó em audiência no DF



Fen’Nó quando foi a Brasília(DF), da direita para a esquerda: seus filhos Antônio da Veiga e Sebastião da Veiga e ao seu lado seu sobrinho Gentil Antunes. Fonte: Os Brasis e suas memórias, disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-fenno/>, acesso em 15 de fev. de 2023.



Fen’Nó em Brasília(DF) na luta pela demarcação, ao seu lado seu filho Sebastião da Veiga<sup>33</sup>. Imagem retirada do documentário Fendó – Tributo a uma Guerreira (2000).

Fen’Nó sempre foi acompanhada a Brasília (DF), seus filhos, sobrinhos e parentes, porém, podemos perceber que ela é a liderança, representa ancestralidade de sua comunidade. Transmite a mesma tranquilidade que encontramos nas imagens onde está em sua casa, não se preocupa por estar em um gabinete rodeados de representantes políticos, homens e brancos, sabe que está ali para garantir seus direitos. As imagens

<sup>33</sup> Documentário Fendó – Tributo a uma Guerreira (2000), Penna Filho Produções, 21min47sg.

não transmitem uma competição entre os indivíduos homens indígenas e Fen'Nó, estes por sua vez aparentam apoiá-la e enfatizar as reivindicações da mulher indígena.

O documentário analisado ainda traz recortes jornalísticos da época, onde relatavam Fen'Nó em destaque, como as greves de fome e vigília no prédio da FUNAI, que fez com que a atenção se voltasse para a causa, é evidente como podemos relacionar as lutas dessa mulher com o conceito do feminismo comunitário. A luta que Fen'Nó se propõe a lutar não é apenas contra o abuso de suas terras, é claro que este se coloca como motivo principal, entretanto, a luta contra o colonialismo, patriarcado e o preconceito se fazem de maneira indireta neste caso, ela é uma mulher, não branca que se coloca a frente de sua comunidade para defender seus direitos.

Imagem 06 e 07: representações na imprensa local



Matéria de jornal não identificado retirado do documentário *Fendô – Tributo a Uma Guerreira* (2000), na imagem em questão ela gesticula referente a demarcação<sup>34</sup>.

Matéria de jornal não identificado retirado do documentário *Fendô – Tributo a Uma Guerreira* (2000), na imagem em questão os representantes indígenas conversam em roda<sup>35</sup>.

Nas duas matérias jornalísticas apresentadas pelo documentário podemos identificar Fen'Nó em evidência, ela é uma pessoa fácil de identificar, se destaca aos demais. A primeira reportagem conta com a palavra “ameaça” o que em medida pode remeter a um perigo, como se ela estivesse usando de meios de ameaça realmente para conseguir a demarcação, pode até mesmo ser apresentado como algo negativo, mas a realidade é que Fen'Nó se dirige a Brasília (DF) quando seus esforços locais se mostram insuficientes, quando seus filhos, como ela relata, passam fome devido à exploração e colonização dos indivíduos brancos de “origem”. A segunda imagem apesar de ser abordada como o “grupo de índios Kaingang” ainda reforça a centralidade

<sup>34</sup>Documentário Fendô – Tributo a uma Guerreira (2000), Penna Filho Produções, 21min21sg.

<sup>35</sup>Documentário Fendô – Tributo a uma Guerreira (2000), Penna Filho Produções, 21min10sg.

de Fen'Nó, ela está ao centro, ela puxa a conversa, gesticula e explica, representando sua liderança dentro da comunidade.

Como ela mesma fala: “Eu não tenho estudo, quem me ajudou foi meus filhos, nós sofremos muito, agora os novos que lutem”, Fen'Nó se reconhece alguém sem estudo, aqui o estudo está direcionado a frequência de escola ocidentais eurocêntricas, ela passa a imagem de uma mulher simples, serena e determinada, trabalhando no seu espaço de plantação, escovando os cabelos, fumando seu cigarro feito de palha e fazendo o alimento de sua família a base de mandioca, por mais que não tenha por muito tempo reconhecimento por seus saberes ancestrais, é no conceito de feminismo comunitário que encontramos o valor que estas memórias carregam e os ensinamentos, saberes que ela possuía:

Nuestras culturas originarias, a través de los tiempos han demostrado que son milenarias en su existencia, formas de vida y territorialidad. Esto es demostrable en términos de comprobación a partir de la existencia de elementos materiales como centros ceremoniales, templos, construcciones, plazas, ciudades, códices etc., donde una parte de su historia material está grabada y escrita a manera de glifos, estelas, paredes mosaicos y en piedras. Por otro lado pueden verse manifestaciones culturales muy antiguas que perviven en prácticas cotidianas de los pueblos, y en términos de elementos inmateriales siguen estando presentes en la vida cotidiana, por ejemplo la oralidad, el conocimiento de la cuenta del tiempo (como llevar registro de los días, sus significados, su relación con las energías lunares para los ciclos de la siembra y la cosecha), y prácticas de medicina originaria. (CABNAL, 2011, p. 13)<sup>36</sup>.

Além disso, hoje podemos entender que a luta que Fen'Nó travou, engloba muitas indígenas mulheres, não apenas no Brasil, mas em toda América Latina, que vivem as mesmas dores e resistências diárias, que podem se conectar, fazer essa troca de experiências, e se inspirar em suas ancestrais como nossa protagonista para todos os dias lutarem contra o colonialismo e o patriarcado que ataca seus corpos e territórios constantemente. Assim como Julieta Paredes escreve:

Al decir la lucha de las mujeres en cualquier parte del mundo es la acción de recuperar nuestro espacio como territorios de construcción del ser y lo que queremos hacer, nos hace hermanas de igual a igual de mujeres en otros territorios aunque no nos conozcamos, con africanas, asiáticas, europeas, etc. Es ser mujeres de Abya Yala y no ser bajo la hegemonía de Europa, pues

---

<sup>36</sup> Nossas culturas originárias, através dos tempos, mostraram que são milenares em sua existência, modos de vida e territorialidade. Isso é demonstrável em termos de comprovação a partir da existência de elementos materiais como centros cerimoniais, templos, edifícios, praças, cidades, códices, etc., onde uma parte de sua história material é registrada e escrita na forma de glifos, estrelas, paredes, mosaicos e pedras. Por outro lado, verificam-se manifestações culturais muito antigas que sobrevivem nas práticas cotidianas dos povos, e em termos de elementos imateriais continuam a estar presentes no cotidiano, como por exemplo a oralidade, o conhecimento da conta do tempo (como a manter registros dos dias, seus significados, sua relação com as energias lunares para os ciclos de semeadura e colheita) e práticas de medicina nativa. (tradução da autora)

Europa se planteó como el ombligo del mundo, como el modelo del ser y del hacer. (PAREDES, 214, p. 69)<sup>37</sup>.

Indígenas e mulheres que possuem seu modo de vida, suas crenças, sua espiritualidade e se diferem das lutas de um feminismo branco e eurocêntrico. Mulheres estas que precisam lidar além do fato de serem mulheres com o preconceito com suas diversas etnias, que as classifica genericamente como indígenas, ou simplesmente 'índias' (imagem 06) e não leva em consideração as diferentes matrizes nativas que existem no Brasil e na América:

El feminismo occidental como significado no nos comprende a las mujeres de nuestros territorios de Abya Yala y no nos comprende em el sentido de abarcar, es decir no nos abarca en su comprensión. Presupone que lo que ellas quieren, nosotras queremos o debemos querer, esto es parcialmente aceptable para nosotras mujeres del sur, pues podemos estar de acuerdo con ellas por ejemplo en la lucha contra la violencia doméstica, pero no vamos a estar de acuerdo con otras, por ejemplo: hay que luchar contra la violencia doméstica, pero también hay que luchar contra la violencia estructural que beneficia a las mujeres de los países occidentales, respecto de nosotras, es más, las mujeres de clase media y burguesía, algunas autonombradas feministas, viven privilegios a costa de nuestro trabajo como mujeres en el sur y el trabajo de hombres de nuestros pueblos también. (PAREDES, 2014, p. 15)<sup>38</sup>.

Podemos perceber que cada vez mais as mulheres indígenas escrevem sobre si mesmas e sobre os locais que ocupam, sabemos também que a forma escrita não é a maneira principal de esses aspectos transparecerem socialmente, também é feito de maneira oral, os saberes ensinados às crianças e a memória do passado permanece com os anciãos que tem papel fundamental em propagar sua cultura e conhecimentos. Entretanto, é muito importante que mulheres busquem ingressar nas universidades e produzir trabalhos acadêmicos sobre si, sobre seu povo e suas tradições, ser voz de si mesmas, para narrarem suas trajetórias e vivências, esse é um ponto que o feminismo comunitário abre portas, pois através dele ocorre o processo de legitimação frente ao mundo colonial e eurocêntrico, de que não são apenas documentos ou trabalhos

---

<sup>37</sup> Ao dizer que a luta das mulheres em qualquer parte do mundo é a ação de recuperar nosso espaço como territórios de construção do ser e do que queremos fazer, nos torna irmãs, iguais às mulheres de outros territórios, ainda que não nos conheçamos, com africanas, asiáticas, europeias, etc. É ser mulher de Abya Yala e não estar sob a hegemonia europeia, já que a Europa se estabeleceu como umbigo do mundo, como modelo de ser e fazer. (tradução da autora)

<sup>38</sup> O feminismo ocidental como significado não compreende as mulheres de nossos territórios Abya Yala e não nos compreende no sentido de englobar, ou seja, não nos engloba em sua compreensão. Pressupõe que o que elas querem, nós queremos ou deveríamos querer, isso é parcialmente aceitável para nós mulheres do Sul, pois podemos concordar com elas, por exemplo, na luta contra a violência doméstica, mas não estaremos de acordo com outras, por exemplo: devemos lutar contra a violência doméstica, mas também devemos lutar contra a violência estrutural que beneficia as mulheres dos países ocidentais, comparativamente a nós, e mais mulheres de classe média e burguesas, algumas autoproclamadas feministas, vivem privilégios em detrimento de nosso trabalho como mulheres do sul e também do trabalho de homens do nosso povo. (tradução da autora)

acadêmicos que merecem um lugar na história, mas também as vozes, os corpos de muitos indivíduos e especialmente mulheres que até então se encontravam na marginalidade. Cabnal escreve sobre sua passagem a escola feminista relacionada a isto:

Um dos vazios em que eu me encontrava, junto a três irmãs quando participávamos da Escola Feminista, era que várias das companheiras que facilitavam a escola nos traziam uma escola com vários elementos sobre como foram construídos os feminismos no mundo, as ancestrais feministas, e sentíamos vazia a participação das mulheres originárias. Isso gerou um debate muito forte. Eu me perguntava: será que minhas ancestrais, as avós, nunca contribuíram para a construção do mundo ou nunca lutaram contra tudo isso? Eu questionava muito isso, interpelávamos muito as facilitadoras naquele momento. Mas logo comecei a me auto interpelar: nós, mulheres indígenas somos malditas, estamos culpando às companheiras facilitadoras feministas e, além disso, estamos dando a elas o poder de nos interpretar. Não são elas que têm que contar a história de nossas avós, de nossas ancestrais, somos nós mesmas. (CABNAL, 2011, p. 16).

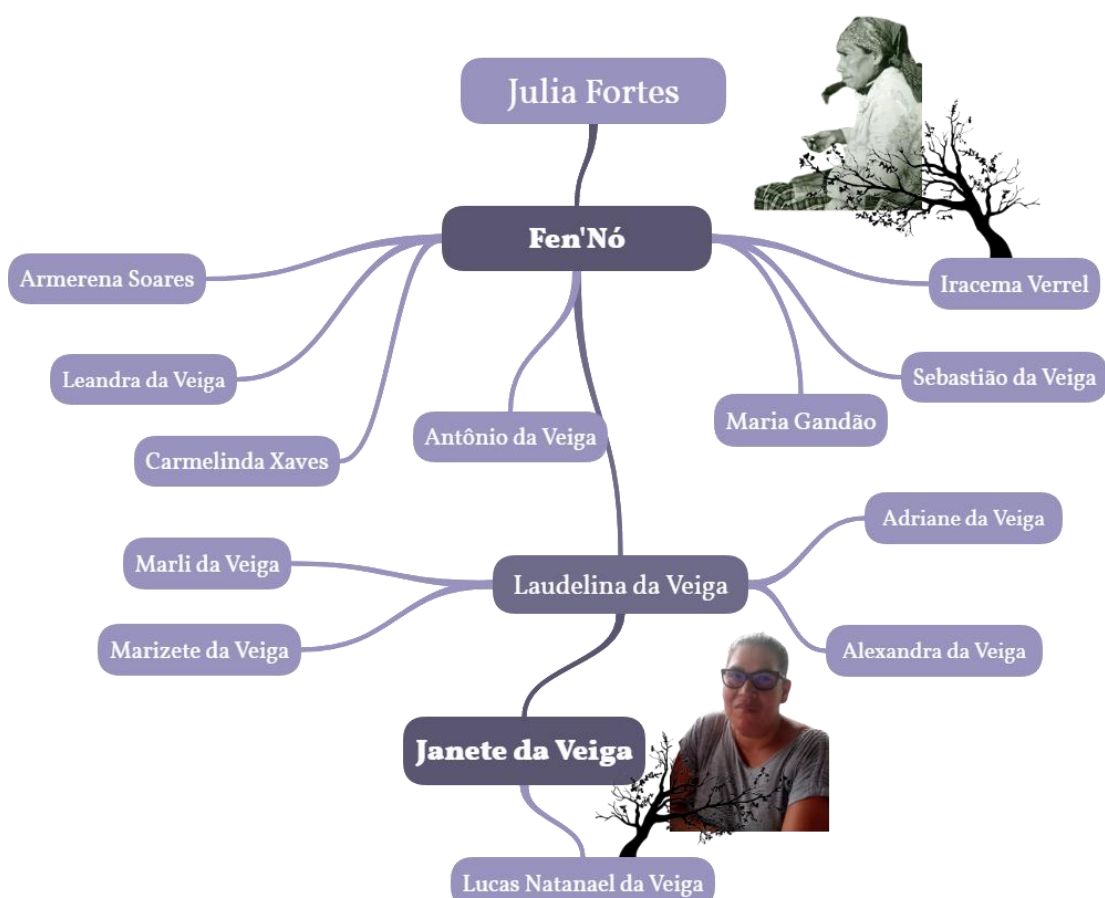
Vivências como a de Fen'Nó inspiram muitas mulheres indígenas na atualidade a encontrarem seu espaço na frente pela luta de políticas públicas, de território e de direitos de maneira geral para seu povo, e mais do que isso, a criar laços com outras mulheres de outras etnias, mas que se conectam com suas resistências, suas narrativas e suas pautas, criando uma rede de apoio, muito importante quando falamos em direitos para os povos indígenas, com toda certeza podemos afirmar que histórias como a de nossa protagonista fortalecem a permanência de mulheres à frente de movimentos com foco em mulheres indígenas. Já se diz muito no feminismo comunitário que para se ter resistência e luta não é necessário que se escreva sobre, mas as próprias atitudes, a memória e a vivência destas mulheres que viveram um passado opressor e se colocaram à frente para iniciar uma trajetória de liderança e merecem destaque por isso.

Muitas das mulheres indígenas que estão hoje no Toldo Chimbangué, que frequentaram a Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'Nó e foram para o ensino superior e o concluíram, tem a ancestralidade de Fen'Nó presentes em si, como já comentado ela era uma mãe para além de seus filhos, por esse motivo trazemos a luz a trajetória de Janete da Veiga, neta de Fen'Nó. Janete carrega consigo as lutas de sua avó, seus ensinamentos, seus saberes, sua espiritualidade conectada à natureza que foram de suma importância para ela ser quem é hoje. O legado de Fen'Nó segue vivo!.



### 3. MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: A TRAJETÓRIA DE JANETE DA VEIGA

Após anos de luta pela demarcação de terras – que ocorreram em 1986 com 988 hectares e em 2006, 954 hectares - hoje o Toldo Chimbangue é reconhecido como Terra Indígena e é um importante espaço de afirmação e reconhecimento da cultura Kaingang, neste espaço encontramos a família de Fen'Nó, e em especial, sua neta Janete da Veiga que se torna protagonista neste segundo momento da pesquisa. Janete da Veiga é nascida no município de Chapecó em 18 de março 1972, as margens do rio Irani, mulher indígena que teve sua trajetória marcada pelos ensinamentos de sua avó, é camponesa e professora de história por formação, por este motivo abaixo trazemos trechos da roda de conversa com Janete para pensarmos sua vivência enquanto mulher indígena pela perspectiva conceitual do feminismo comunitário e da abordagem teórica da decolonialidade, procuramos situar sua família por meio de uma árvore genealógica ligando ela a sua avó.



Árvore genealógica produzida pela autora com as informações fornecidas por Janete da Veiga. Os oito

nomes citados abaixo de Fen'Nó são de seus filhos, bem como os abaixo de Laudelina da Veiga as irmãs de Janete da Veiga e por fim seu filho Lucas da Veiga.

### 3.1 EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE

Quando criança Janete relata que vivia com sua família como agregados na terra de Arno Siemer, local onde nasceu, sua mãe é Laudelina da Veiga, filha de Fen'Nó. Na terra onde residiam moravam toda sua família, tios, tias, primos e também sua avó e avô:

Eu lembro do rio, eu lembro da nossa casinha de chão batido, lembro que a gente ia a pé pra cidade, né? Uma coisa assim que marcou muito, pra mim, que eu fui escolhida da família da minha mãe para ela alfabetizar em casa. Quando eu fui pra escola eu já estava alfabetizada. Eu comecei na metade do ano. Eu lembro em junho e final do ano eu fui aprovada pra segunda série e aí o pessoal não gostava muito da ideia. Os, alemães e italianos que tinham ali, as meninas elas queriam brigar comigo e dizer que eu não sabia nada. Elas não aceitavam que eu tivesse chegado na escola já sabendo alguma coisa. Mas a minha mãe ela trabalhava para os colonos e aí ela comprava lápis de cor, caderno, coisas bonitinhas, que me chamava atenção e eu fui aprendendo. Daí fui pra escola já sabendo bastante coisa<sup>39</sup>.

Janete foi alfabetizada antes de ir para a escola, podemos observar que não eram todos da comunidade que recebiam esse ensino, e nem frequentavam a escola ao mesmo tempo, provavelmente pela necessidade de todos ajudarem no trabalho e sustento desde muito cedo. Esse fato marca a vida de nossa protagonista, frequentar a escola e estar em espaços que ainda eram vistos como pertencentes ao branco. Importante destacarmos que o idioma falado na língua portuguesa esteve presente na vida de Janete, visto que desde que nasceu seu povo vivia em contato com os colonos de descendência de 3ª e 4ª gerações de alemães e italianos, evidentemente, que a escola vigente nesse período tinha suas implicações, o ensino como ela mesma relata era com filhos destes colonos, não aceitando que ela como indígena ocupasse esse espaço e soubesse ler e escrever.

A organização do conhecimento escolar, do currículo oculto e a representação da diferença nos textos e nas práticas escolares, contém discursos que acarretam sérias implicações para os estudantes indígenas, assim como para outros grupos étnicos minoritários. (SMITH, 2018, p.23/24).

[...]

O sistema escolar está diretamente relacionado com esse processo. As primeiras escolas redefiniram o mundo e a posição que nele ocupam os povos indígenas, por meio do currículo e de sua subjacente teoria do conhecimento. (SMITH, 2018, p.48)

---

<sup>39</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

Ao dialogar com a decolonialidade, a partir de autoras como Linda Tuhiwai Smith, podemos perceber que as instituições escolares deste período e até mesmo atualmente, representavam uma estrutura que reprimia as culturas e os corpos indígenas, evidente no trecho em que Janete conta que seus colegas de classe queriam brigar com ela por chegar à escola com 07 anos e saber ler e escrever, e também como vemos no relato abaixo:

A escola não era perto, eu acho que uns quatro quilômetros, eu morava no Berduri e a escola é onde é o CEIM atual, e a gente pra estudar ia ali a pé. Aí eu acho que a gente chegou, eu cheguei a estudar uns dois anos. Daí depois nós paramos porque a luta pela terra lá foi ficando mais perigosa pra nós. Tinha meninos dos colonos que esperavam na rua, faziam uma barreira, eles se davam as mão para pegar nós, aí a gente teve que parar de ir pra escola. Porque a gente correria risco, até de repente de ser estuprada por eles. Eles atiravam pedra atrás, então tivemos que parar, só tive acesso a escola de novo depois com catorze anos.

**Então as crianças dos colonos que perseguiram vocês crianças indígenas?**

Não, eram rapazes, era rapazinhos, filhos de colonos e agregados que faziam isso, daí tivemos que parar, eu tenho uma cicatriz na minha testa de uma pedrada que eu levei<sup>40</sup>.

Quando falamos em resistências e lutas que mulheres indígenas assim como Janete enfrentam, relacionam-se diretamente com o corpo-território, como já mencionando, as características físicas destas demonstram oposição ao sistema patriarcal e colonial, por isso o próprio ato de ocuparem locais que antes não recebiam indígenas configura uma maneira de reação a esse sistema:

Entonces, es desde y con nuestros cuerpos que vamos a luchar y hacer política, esta es una metodología feminista comunitaria que recoge nuestros cuerpos que fueron signados, marcados, para la ignorancia, la fealdad, la explotación, cuerpos para la violación, la anormalidad, cuerpos llamados fenómenos, destinados al desamor y la vergüenza, desde estos cuerpos nuestros nos plantamos en la vida y en la historia, como el cuerpo de nuestras luchas. Cuerpo que piensa, siente, se autogobierna, se autolibera, cuerpo como un territorio pero no un territorio aislado sino un territorio de la Pachamama<sup>41</sup>. Así leemos el asesinato por desmembramiento de nuestras abuelas Bartolina Sisa y Tupak Katari, la intención colonial de deshacer el territorio del cuerpo y el territorio de la vida. (PAREDES; GUZMÁN, 2 14, p. 95)<sup>42</sup>.

<sup>40</sup>Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

<sup>41</sup> PachaMama representa o sentido da vida, o nascimento, a maternidade e a proteção da Terra e de seus filhos que nela habitam.

<sup>42</sup>Então, é a partir e com nossos corpos que vamos lutar e fazer política, esta é uma metodologia feminista comunitária que recolhe nossos corpos que foram assinados, marcados, para a ignorância, feiúra, exploração, corpos para estupro, anormalidade, corpos chamados de aberrações, destinados ao desgosto e vergonha, desses nossos corpos nos plantamos na vida e na história, como corpo de nossas lutas. corpo que pensa, sente, governa-se, liberta-se, corpo como um território, mas não um território isolado, mas um território do Pachamama. Assim lemos o assassinato por desmembramento de nossas avós Bartolina Sisa

O ano em que Janete começou ir à escola foi 1979, com 07 anos de idade, logo após as lutas pela demarcação foram iniciadas, por este motivo tornou-se perigoso ir até a escola, visto que seus colegas de classe eram os filhos dos colonos com quem sua família e principalmente sua avó travam uma disputa por seus direitos. A violência empreendida contra Janete e seus outros colegas indígenas deixa claro uma cultura do preconceito colonial e eurocêntrico que é presente desde muito cedo na vida das crianças. Porém precisamos destacar que apesar de todas as barreiras impostas a Janete e também a sua família a luta pela terra nunca foi deixada de lado:

Deve ter sido realmente chocante para os brancos racistas que, depois de passar por um grave ataque genocida, rituais culturais característicos pudessem ser usados para despertar um espírito de resistência em um povo arrasado e devastado. Mesmo quando muito fora perdido, os indígenas, assim como os afro-americanos, se apegaram a visões redentoras que sustentavam a vida. (hooks, 2019, P. 274).

Eu me lembro quando era criança da gente precisar ter nossa lavoura. Trabalhava na terra do colono, ir pra roça para tentar pegar alguma coisa pra comer e não poder. Eles não deixavam, ficaram cuidando. Não deixavam a gente colher o que tinha plantado. Nesse tempo sim trancava a rua para gente não passar pra não ir para cidade. Ali foi bem difícil. A gente tinha medo até dos policiais. Eu tenho o meu pezinho machucado que eu corri e enrosquei o pé no arame correndo do policial de medo que fosse me pegar, que eles chegaram a cavalo e foram invadindo nossos barracos, Disseram que nós estávamos armados. Que tinha as flechas arco e flecha. Levaram tudo.

**E que idade tu tinha mais ou menos nesse período Janete?**

Que a polícia foi lá embaixo? Acho que eu tinha uns doze, treze anos por aí. Eu acho que é onze, doze anos. Nesse tempo daí não estava na escola, né, eu tinha parado<sup>43</sup>.

No início não existia a separação na escola para brancos de ‘origem’ e indígenas, por isso esse espaço também era um instrumento de propagação do colonialismo que invalidava os saberes originários destes povos: “Como o território fora é local de disputas entre indígenas e não-indígenas, as escolas de brancos e para brancos também o são, e ali a negação à permanência de crianças indígenas é sentida nas atitudes, nas posturas e nas normas institucionais colonialistas[...] (VICENZI; PICOLI, 2022). Deste modo as relações estabelecidas pela instituição escolar que Janete vivenciou se tornam problemáticas quando pensamos em um ensino que inclua e reconheça as diversas culturas presentes no país, além de fugir de um espaço que deve garantir acolhimento e zelo para com as crianças que estão em construção para

---

e Tupak Katari, a intenção colonial desfazer o território do corpo e o território da vida. (tradução da autora).

<sup>43</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

tronarem-se adultos conscientes e receptivos com as pluralidades. A escola que precisamos continuar a pensar deve se basear nas práticas e conhecimentos decoloniais que preze pela valorização de outras formas de saberes, experiências e vivências.

A educação escolar indígena, a partir das experiências narradas, implica pensarmos acerca da descolonização do currículo eurocêntrico que é permeado pela episteme de subordinação de povos, linguagens e conhecimentos. Significa avançarmos e transgredirmos as fronteiras epistemológicas do colonizador e do colonialismo para uma educação com ações pedagógicas para a diversidade, educação das relações-raciais e interculturalidade que inclui os conhecimentos, os saberes tradicionais e as dinâmicas sociais de cada cultura. (VICENZI; PICOLI, 2022, p. 12).

Todos os aspectos citados por Janete evidenciam as práticas e relações coloniais que a invasão europeia trouxe a Abya Yala, observa-se como a trajetória que nos é contada conversa com o feminismo comunitário e com a decolonialidade, propondo uma luta contra o colonialismo, o patriarcado e as violências empreendidas contra os povos originários. Ouvir Janete relatando seu passado, saber de sua trajetória mostra que os ensinamentos de sua avó caminham com ela, através de sua ancestralidade, isso é algo que os povos originários carregam consigo e nos afirmam que sua trajetória é resistência frente ao domínio colonial:

La invasión colonial abrió brechas y heridas en esas concepciones espacio-temporales, mediante la apropiación de sus tierras, territorios, recursos, saberes... y también mediante la apropiación de sus cuerpos, en especial de los de las mujeres “ha sido constitutivo del lenguaje de las guerras, tribales o modernas, que el cuerpo de la mujer se anexe como parte del país conquistado. La sexualidad vertida sobre el mismo expresa el acto domesticador, apropiador, cuando insemna el territorio-cuerpo de la mujer” (Segato, 2006:34). El territorio de las mujeres indígenas, como parte del territorio invadido, como otro territorio más bajo el dominio, control y poder de los invasores. El territorio cuerpo-tierra como espacio-tempo de resistencias y luchas en las mujeres indígenas y originarias. (DORRONSORO, 2013, p. 2-3)<sup>44</sup>.

Ademais em sua infância Janete se recorda das brincadeiras com os primos, das bonecas de pano que sua avó Fen’Nó fazia, a escola, o trabalho na lavoura onde capinava, plantava milho, feijão, mandioca, batata, desde muito cedo ela nos conta que foi sua avó quem esteve presente em sua criação e quem ensinou a trabalhar desde cedo, com responsabilidade e humildade. Segundo ela, Fen’Nó sempre que conseguia

---

<sup>44</sup> A invasão colonial abriu brechas e feridas nessas concepções espaço-temporais, através da apropriação de suas terras, territórios, recursos, saberes tribais ou modernos, que o corpo da mulher seja anexado como parte do país conquistado. A sexualidade derramada expressa o ato domesticador, apropriador, quando insemna o corpo-território da mulher” (Segato, 2006:34). O território das mulheres indígenas, como parte do território invadido, como mais um território sob o domínio, controle e poder dos invasores. O território corpo-terra como espaço-tempo de resistências e lutas em mulheres indígenas e indígenas. (tradução da autora).

partilhava alimentos com os parentes próximos e vizinhos, mesmo que estes não tivessem nada para dar em troca, esse aspecto representa como as populações indígenas partem de percepções diferentes do mundo material e sua relação com a espiritualidade, contrário aos aspectos coloniais que visam apenas interesses pessoais. Entretanto após a chegada dos colonos nesta região o sustento apenas da lavoura não foi possível por muito tempo, logo após algumas pessoas da comunidade indígena, inclusive da família de Fen'Nó se deslocaram ao trabalho na cidade.

Após terminar o ensino médio na escola de sua comunidade, esta que inicialmente não era apenas indígena, mas após a demarcação passa a ser Escola Indígena de Ensino Fundamental Iraní, e em, 2004 Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'Nó que atende apenas a comunidade do Toldo Chimbangue, Janete foi para o ensino superior. A instituição em que cursou sua graduação – Licenciatura em História foi a Unochapecó, inicialmente ela continuou morando em sua comunidade no Toldo Chimbangue, mas devido à distância para a locomoção se mudou para a cidade onde morou por um ano. Neste período trabalhou na FUNAI, e em estágios pela universidade. Os estágios obrigatórios de seu Curso foram feitos na atual escola que hoje carrega o nome de sua avó.

Neste momento Janete nos conta sobre a escolha do seu tema de TCC intitulado *Toldo Chimbangue: Etnomemória e luta pela Terra dos Kaingang no Oeste de Santa Catarina (2006)*, segundo ela seu objetivo era dialogar com o que é ser indígena:

Eu fiz o que é ser Kaingang, o pensamento era trabalhar num sentido das pessoas entender o que é ser Kaingang agora no tempo presente Nesse século agora. Porque o que é ser Kaingang, o que é ser índio? Porque as pessoas acham que ser índio é não poder usufruir de nada. As outras pessoas têm, é você andar de pé descalço, é morar no mato, é caçar. Essas coisas e aí eu queria trabalhar nesse sentido de mostrar que se vocês usarem um brinco de pena, vocês não vão ser índio, como eu assim usar um tênis de marca não vai me tornar uma pessoa branca, e isso que o Vilson<sup>45</sup> me fez assim pensar nesse sentido assim<sup>46</sup>.

Sabemos que o discurso produzido pelos primeiros viajantes que descreveram os povos originários ainda possui um impacto muito forte em nossa sociedade, após muitos anos de dominação colonial, continua-se com o pensamento inicial: que as comunidades indígenas vivem isoladas, sem acesso à internet, celular ou qualquer outro tipo de contato com a tecnologia, por mais que inúmeras pesquisas procuram evidenciar que esse se trata de um pensamento preconceituoso, violento e desrespeitoso nos parece que

---

<sup>45</sup> Vilson Antonio Cabral Junior (in memoriam) - professor e antropólogo que auxiliou na orientação de sua pesquisa.

<sup>46</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

o pensamento colonial sempre se sobressai e a luta contra esses estereótipos se torna árdua. Pesquisas como a de Janete procuram trazer esse novo olhar sobre sua própria vivência e sob qual perspectiva essas comunidades veem as narrativas criadas sobre si mesmas:

Um aspecto chave da luta pela autodeterminação tem incluído questões relacionadas com nossa história como povos indígenas e a crítica das formas como nós - o Outro - temos sido representados ou excluídos de vários relatos. Cada tema tem sido abordado pelos povos indígenas com a intenção de reescrever retificar a nossa posição na história. Nós, os povos indígenas, queremos contar a nossa própria história, escrever as nossas próprias versões, à nossa maneira, para os nossos próprios fins. Não se trata simplesmente de compor um relato oral ou uma genealogia do processo de nomear nossos territórios e os eventos que desataram a violência sobre estes, mas de dar vazão a uma poderosa necessidade de dar testemunho e de restaurar o espírito, para assim ressuscitar um mundo fragmentado e moribundo. O sentido da história transmitido por esses enfoques não é o mesmo dado pela história como disciplina; portanto, é natural que nos relatos elas se entrecroquem, colidam umas com as outras. (SMITH, 2018, p.42)

Depois de dezessete anos da escrita de sua pesquisa de graduação, nossa protagonista – Janete, que passou pela escola, pelo trabalho, pelas salas de aula pensa novamente, aqui nesta roda de conversa, sobre suas motivações a escrever sobre esse tema, o que é ser indígena em sua visão e o principal, ela como mulher indígena que ocupa este lugar de fala:

Ah, ser mulher indígena hoje já teve um tempo assim que tinha bastante sentido ser indígena, ser mulher indígena. E lutar pela sua comunidade. Para poder, a gente para poder viver melhor, o grupo viver melhor. Hoje não se pensa mais. Talvez assim se tenha aquela ideia de que a gente trabalhe nesse sentido, mas hoje é cada um pra si. Não se pensa mais no coletivo<sup>47</sup>.

Como abordado, os impactos do colonialismo e do imperialismo ainda são evidentes, podemos compreender por esta fala que está relacionado com a individualidade que o mundo atual constrói, onde o coletivo fica em segundo plano, é importante destacarmos como esses aspectos adentram as comunidades indígenas, que atualmente, apesar de muito conquistado ainda sofrem com os impactos do mundo ocidental que direciona seus caminhos. O que Janete relata também é uma forma de violência, com tempo os grupos originários foram moldados pelo norte global, pelo certo e errado em seu modo de viver, por este motivo observamos o apagamento de suas culturas tradicionais e também dos ensinamentos que estas mulheres indígenas nos apresentam.

---

<sup>47</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

### 3.2 SER MULHER INDÍGENA: ANCESTRALIDADE E CUIDADOS

Mesmo com as inúmeras barreiras que recentemente eram intransponíveis hoje temos um grupo de mulheres indígenas que luta por essa coletividade, assim como Fen'Nó e como Janete, representam a luta e a força de seu povo, a força que tem os Kaingang do Toldo Chimbangue com a demarcação de terras veio de uma mulher e até hoje continua com essas mulheres, como Braulina Baniwa (2020) destaca:

Ser mulher e mãe, neste espaço ainda é algo que vai ao estranhamento, como uma indígena mulher pode ser profissional, sendo que sempre a vi na literatura passada, é dessa narrativa que estamos remando contra, dizendo que nossas avós sofreram violências, e silenciaram seus saberes, e nós como netas, estamos aqui para construir novas histórias no mundo das escritas, desenhando uma nova linha sobre a história de indígenas mulheres.

É no transitar entre os dois lugares que nós fortalecemos indianidade, pois aprendemos a sobreviver entre a violência e a espiritual que está em nós, somos a totalidade de um povo, mas somos mulheres, somos a continuação e a força de um povo. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p.117).

[...] nas outras comunidades como que é, hoje, ah você sabe que a mulher ela enfrenta bastante preconceito às vezes em casa, na comunidade, no local de trabalho aí o fato de ser indígena também. Então a gente já é mais um problema. Ou ser negra ou ser indígena. Você ser mulher já, você já é tratada com preconceito<sup>48</sup>.

Nas trajetórias e vivência das mulheres indígenas como: Julieta Paredes, Lorena Cabnal e Adriana Guzmán se interligam claramente com os relatos de Janete, mulheres estas que pensam o feminismo comunitário como meio de resistência a todos as formas de patriarcado e exploração dentro e fora de suas comunidades:

Hay que señalar no obstante, que las violencias y subordinaciones ejercidas sobre las mujeres indígenas, no solo vienen de fuera, también se generan dentro de sus comunidades y así “el feminismo indígena ha cuestionado las relaciones patriarcales, racistas y sexistas de las sociedades latinoamericanas, al mismo tiempo que cuestiona los usos y costumbres de sus propias comunidades y pueblos que mantienen subordinadas a las mujeres” (Curiel, 2007:99). La realidad actual es que dentro de las propias sociedades y comunidades indígenas, las relaciones entre los hombres y las mujeres no están equilibradas; y la violencia que soportan por parte del capitalismo y el colonialismo, penetra al interior de las comunidades, sufriendo las mujeres los efectos e impactos tanto de la violencia externa como de la interna. (DORRONSORO, 2013, p. 03)<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

<sup>49</sup> Não obstante, deve-se notar, no entanto, que a violência e a subordinação exercidas sobre as mulheres indígenas não vêm apenas de fora, mas também são geradas dentro de suas comunidades e, portanto, "o feminismo indígena tem questionado as relações patriarcais, racistas e sexistas das sociedades latino-americanas, ao mesmo tempo que questiona os usos e costumes de suas próprias comunidades e povos que mantêm as mulheres subordinadas" (Curiel, 2007:99). A realidade atual é que dentro das próprias sociedades e comunidades indígenas, as relações entre homens e mulheres não são equilibradas; e a



Quando Janete menciona as mulheres de sua comunidade, ela recorda que não existiam separações explícitas no trabalho na lavoura, por muito tempo sua família trabalhava com os colonos que ocuparam suas terras, ou seja, mulheres indígenas e mulheres brancas se relacionavam no dia a dia e no trabalho não era diferente, entretanto o trabalho doméstico era a elas destinado, cozinhar e lavar as roupas:

Não era diferenciado. Para nós como a gente cresceu junto com os colonos então, a gente trabalhou, todo mundo trabalhava na roça só que a menina não era pouco, existia a diferença de que nesse período as vezes a gente tinha que chegar em casa, socar o arroz pra cozinhar. Pense você chegar cansado em casa e ainda socar o arroz, escolher, para depois cozinhar pra comer, tinha que lavar as roupas lá em cima das pedras. Não tinha as tecnologias que tem hoje. Máquina essas coisas.

**No rio? E iam várias mulheres, várias meninas ou iam cada uma por si?**

Cada um por si. Não existia muito essa coisa diferenciada. O diferente é que a gente só é uma mulher sempre trabalha mais, lavar roupa, cuida da casa, era gente que cuidava dos porquinhos, vinha a pé de lá de baixo, aqui na escola, chegava em casa tinha serviço pra fazer de tarde, tratar porcos, às vezes ainda dava tempo de ir na roça, capinar um pouco<sup>50</sup>.

Todos na comunidade precisavam ajudar nas inúmeras tarefas, porém segundo a neta, Fen'Nó era mais dedicada a tarefas externas, ou seja, era seu avô quem cuidava da casa. Foi sua avó quem lhe ensinou mais do que simples tarefas domésticas ou a trabalhar, ela que passava seus valores, suas histórias e sua ancestralidade a todos da família:

Uma coisa que eu aprendi com a minha vó que marcou muito foi a questão do cuidar. O cuidar um do outro. Aí eu e a mãe aqui a gente sempre tinha uma farmácia pra dar o comprimido, o remédio para dor e aí hoje eu vendo, pesquisando e vendo quanto fazia mal para saúde começamos a cuidar das pessoas com as ervas medicinais<sup>51</sup>.

O cuidar como Janete menciona é uma característica própria dos povos indígenas, a relação que constroem com o território e com a própria comunidade se interliga, identificam a natureza e o que ela prove como uma forma de cuidado, por isso todos devem cuidar uns dos outros, mesmo quando não tinha muitos recursos Fen'Nó fazia questão de ajudar toda sua família, cuidados estes que em uma sociedade fruto do colonialismo e do patriarcado são esquecidos e deixados de lado pela individualidade e competitividade. São por esses elementos que o feminismo comunitário se distingue de outros movimentos feministas, trazendo a força destas mulheres, a força da terra e a

---

violência que sofrem do capitalismo e do colonialismo penetra no interior das comunidades, as mulheres sofrem os efeitos e impactos da violência externa e interna. (tradução da autora).

<sup>50</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

<sup>51</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

força de um corpo-território que grita por respeito, como Julieta Paredes enfatiza: La comunidad no solo es un territorio, la comunidad es para el feminismo comunitario una de sus categorías más importantes, una categoría política para la acción y una categoría política de inspiración y propuesta, desde donde hacer política (PAREDES; GUZMÁN, 2014, p. 89)<sup>52</sup>.

Além da líder frente ao movimento de demarcação das terras Fen'Nó era mãe, avó, esposa, camponesa e trabalhadora, acima de tudo era um exemplo de força não apenas para sua comunidade, mas também para sua família e principalmente para Janete que carrega até hoje seus ensinamentos, o que ela simboliza está além de uma representante dos Kaingang em Brasília, e é por este aspecto que pensamos como Janete carrega a ancestralidade e a presença de sua avó até hoje, pensar estas mulheres sem preconceitos, sem a lente do patriarcado e do colonialismo e vê-las como agentes de luta e resistência:

Conforme os ensinamentos do meu povo, eu tenho em mente desde criança que se existe seres sagrados em forma de mulheres, com hábitos de mulheres, nós somos seres divinos na nossa representação. E que, no mundo dos nossos mistérios espirituais a essência feminina se faz presente em um mesmo patamar que os seres sagrados masculinos. Por isso, qual seria a lógica de simples mortais — tratarem os demais com consideração de inferioridade? (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 28).

**E que memória tu tem da tua avó falando sobre a demarcação da terra? Das vezes que ela viajou, desses momentos, tem alguma memória?**

Eu me lembro de algumas coisas. Que a gente envelhece até a memória sumindo, eu me lembro, agora era uma pessoa assim muito forte nela, que ela fazia frente na verdade, ela puxava os filhos, puxava o finado tio Clemente para luta, ela ajudava eles se organizarem.

**E quantos filhos a tua vó teve?**

Uns sete ou oito<sup>53</sup>.

**E o teu vô?**

O meu vô. O meu vô faleceu nós morávamos lá embaixo (perto do rio Irani), ainda antes da terra ser demarcada. Ele que era meu pai. A vó era minha mãe, a minha mãe eu chamava pelo nome, a mãe eu comecei a chamar de mãe depois de adulta. Eles que a vó que cuidava da gente. Porque a mãe trabalhava e a vó cuidava daí a vó era mãe né, e o vô era o pai. A vó ela ensinou muito do que a gente é hoje, ela sempre dizia que a gente tinha que aprender trabalhar, a gente não entendia muito porque era ela que levava, era ela que puxava, ela era o homem da casa<sup>54</sup>, não era o vô. O vô trabalhava, se

<sup>52</sup> A comunidade não é só um território, a comunidade é para o feminismo comunitário uma de suas categorias mais importantes, uma categoria política para ação e uma categoria política para inspiração e proposta, de onde fazer política. (tradução da autora).

<sup>53</sup> Todos os nomes dos filhos de Fen'Nó estão da árvore genealógica.

<sup>54</sup> A ideia de “homem da casa” é uma construção ocidental, nessa perspectiva o homem é responsável pelo provimento e cuidado da família. Neste caso Fen'Nó fazia essa função.

virava, ajudava gente, mas era ela quem puxava, levava pra roça e fazia pegar no cabo da enxada e ó se não trabalhasse ela passava vara na gente. Então assim a gente foi aprendendo com ela, ela não dava moleza pra nós. Hoje eu entendo porque se ela não tivesse ensinado a gente vê hoje as criança cresce meio sem fazer nada. Talvez na época a gente achava ruim, mas isso ensinou a gente a ter responsabilidade, a pessoa que desde pequena vai tendo o que fazer ela cresce sendo responsável<sup>55</sup>.

A ancestralidade está ligada a uma fonte de conhecimentos e aprendizados que até pouco tempo era desconsiderada pelas pesquisas ocidentalizadas, hoje sabemos a partir da decolonialidade que as trajetórias de muitos agentes importantes da história foram deixadas de lado, como as populações indígenas. Os conhecimentos tradicionais passados por geração de maneira oral guardam segredos e vivências únicas que não eram válidas aos olhos da colonialidade e do patriarcado, por isso, aprender com nossa protagonista e representá-la de maneira respeitosa a sua cultura e tradições:

Tener la osadía y el atrevimiento como una niña que se asoma a la puerta dimensional de los tiempos antiguos dentro de su cultura ancestral, me ha provocado poco a poco acrecentar la curiosidad, la duda, para entrar y empezar a caminar por el camino de lo sagrado. A veces lo hago con miedo, a veces llorando y a veces con indignación o curiosidad. En este camino tengo mis propios cuestionamientos, afirmaciones y en lo personal me ha llevado a sospechar, y sospechar y sospechar. Entonces me pregunto a veces en silencio a veces a manera de monólogo y pregunto a abuelas y abuelos, les escucho, hablo con las mujeres en la comunidad, hablo con mujeres de otros pueblos originarios, y vivo en constante recuerdo de los pensamientos de cómo me relacioné con mis abuelas maya y xinka ahora ancestras, pero también de cómo me relaciono y se relacionan las mujeres en el mundo, como mi madre, tías, comadronas, ancianas, niñas y jóvenes. También cómo lo hacen los hombres indígenas y luego cómo todas y todos nos relacionamos con la naturaleza, con lo cual se ha ido impregnando mi vida de reflexiones, transgresiones y de atrevimientos. (CABNAL, 2010, p. 13)<sup>56</sup>.

Sobre a liderança que sua avó exerceu no passado Janete lembra com muito orgulho a força de Fen'Nó, como analisamos no primeiro capítulo, ela estava sempre acompanhada de homens a suas idas a Brasília e também nas fotos e documentário existente, porém estes nunca se colocaram contra sua representatividade:

<sup>55</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

<sup>56</sup> Ter a ousadia e o atrevimento de uma menina que olha pela porta dimensional dos tempos antigos dentro de sua cultura ancestral, tem me feito aos poucos aumentar a curiosidade, a dúvida, entrar e começar a trilhar o caminho do sagrado. Às vezes faço isso por medo, às vezes chorando e às vezes por indignação ou curiosidade. Neste caminho tenho meus próprios questionamentos, afirmações e pessoalmente tem-me levado a suspeitar, suspeitar e suspeitar. Então eu me pergunto ora em silêncio, ora em forma de monólogo e eu pergunto para vovós e vovôs, eu os ouço, converso com as mulheres da comunidade, converso com mulheres de outros povos indígenas, e vivo em constante lembrança dos pensamentos de como me relacionei com minhas avós Maya e Xinka, agora ancestrais, mas também como me relaciono e se relaciono com as mulheres no mundo, como minha mãe, tias, parteiras, velhas, meninas e jovens. Também como os indígenas fazem e depois como todos nos relacionamos com a natureza, da qual minha vida foi impregnada de reflexões, transgressões e ousadias. (tradução da autora).

**E os homens indígenas aceitavam a tua vó sendo liderança ou teu próprio vó os outros homens da comunidade, tinham isso como algo bom ou ela também recebia críticas?**

Eu nunca vi ela reclamar de nada. Eu achava uma coisa bonita, achava até bonito sabe, ela sempre estava na reunião com eles, ela conversava como se fosse um homem ali junto com eles. E eles, para trocar a liderança, não tinha eleição, eles se reuniam de noite. Hoje tu era cacique, ia dormir cacique, amanhecia não era mais. Já tinha colocado outra pessoa no teu lugar. E não havia briga por causa disso. Ninguém reclamava. Acordava no outro dia já sabendo, tal pessoa é a liderança e o cacique que trocavam quem tinha que trocar.

**E ela estava sempre envolvida nisso?**

Sempre. Sempre junto.

**Mas ela nunca chegou a ser a ter o cargo de liderança maior?**

Nunca, não teve.

**São aqueles homens que aparecem sempre nas fotos com a tua avó em Brasília, nos lugares, são parentes.**

São filhos e genros da vó. O vó foi bem pouco eu acho. O vó ficava com nós em casa cuidando da gente, trabalhando, cuidando da roça, trabalhava de agregado, talvez por causa disso, aceitaram numa boa. E aquele tempo não existia tanta politicagem. Não, todo mundo estava no mesmo barco, todos passavam as mesmas necessidades. Ninguém, e quando elas viajavam iam pra reunião assim eles ganhavam as coisas mesmo, as vezes ganhavam dinheiro pelos dias que ficavam, ganhavam as diárias e lá eles compravam as coisas, dividiam e vinham para casa faceiros (alegres), não havia nenhuma, ninguém ficava se queixando, ah você ganhou mais, tinha aquela ideia da igualdade ainda, era bem bom aquilo.

**E então a tua vó criava vocês meninos e meninas iguais? Que menino tem mais isso ou vai ter menos aquilo?**

Não. Todo mundo igual. E isso é bom<sup>57</sup>.

Fen'Nó foi reconhecida por todos em sua comunidade, foi respeitada por sua ancestralidade, por lutar por um espaço para todos, símbolo da relação corpo-território e de como as mulheres indígenas também participam pela luta da demarcação, não apenas indivíduos masculinos, temos certeza de que a imagem que passou para Janete foi de força e de resistência frente as dificuldades da vida. As memórias e os caminhos abertos no passado servem de exemplo para que hoje um grupo de mulher indígenas aqui do Brasil continue essa luta com esperança, sem esquecer quem é e de onde vem:

Não é muito difícil de entender, no Brasil a formação é dita patrilinear ou patriarcado. A invisibilidade da luta é desde quando não somos considerados como parte importante no processo de luta, o nosso conhecimento é invisibilizado, para tanto quero destacar o papel fundamental das mulheres no processo de manutenção de conhecimentos tradicionais e continuação das mesmas para que nova geração, possa acessar esses conhecimentos e saber a importância de fortalecer os mesmos. As relações e respeito a natureza é obedecer regras de lugares, de forma que não afeta minha saúde e nem da

---

<sup>57</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.

minha família, a quebra dessas regras implica numa guerra e destruição de casas de seres invisíveis que pode envolver mortes ou violência com os conhecimentos das mulheres. Ser sabedora de regras e obediente a ela é sinônimo de dignidade, de exercer poderes ou transmitir poderes para o mundo. A luta pelo território, é além de ter roça, um igarapé limpo para tomar chibé com meus filhos, é poder compartilhar minhas plantações com as minhas primas, tias e sogras, a luta pelo território, é uma forma de equilibrar o cuidado com corpo e saúde, na medida que perdemos espaços territoriais, perdemos o poder de transmissão de conhecimento milenar de mulheres, que envolve desde nascimento até a morte. (BANIWA, 2018, p. 167-168).

Não podemos esquecer que após terminar sua graduação Janete lecionou como professora por algum tempo, em escolas no perímetro urbano de Chapecó: EBM Fedelino Machado dos Santos e EBM Jardim do Lago, mas também na escola de sua comunidade a EIEF Fen'Nó. Ser mulher e professora indígena evoca um campo de resistência que precisa ser mencionado, quando olhamos para os currículos escolares e principalmente para a disciplina de história sabemos que em muitos casos as abordagens de profissionais da educação e livros didáticos desfavorecem as vivências indígenas, com narrativas patriarcais e coloniais:

Como professora do ensino fundamental, nas experiências das salas de aula nas escolas públicas da zona oeste do Rio, percebi que os silêncios eram maiores e também compartilhado com tantas crianças que jamais pensaram na beleza e na dignidade de suas próprias origens e identidades tão diversas. A sala de aula certamente foi o espaço, por excelência, de grandes aprendizados. Romper o silenciamento imposto pelos livros didáticos e pelo imaginário coletivo decorrente da impossibilidade da existência de indígenas não apenas vivendo nas cidades, mas vivos em suas múltiplas possibilidades e sofrendo as mais variadas contingências de todo o longo processo de colonização. Processo esse que não ficava só nos primeiros capítulos dos livros didáticos de História, mas se estendiam às vivências cotidianas atuais. (BANIWA; KAINGANG; TREMEMBÉ, 2020 p. 97).

Como professora Janete pode visualizar como as vivências estão ligadas com o discurso empreendido de maneira violenta e desrespeitosa a diferentes grupos não reconhecidos nas narrativas eurocentradas. Além disso, em sua função de educadora, por mais simples que pareça, Janete leva consigo sua comunidade, sua família e sua avó, sua maneira de cuidar, cuidar de seus alunos e mostrar a essas crianças uma nova ótica as pequenas coisas da vida, desmistificar as afirmativas ainda vigentes sobre os povos originários e os poucos abrir espaço para narrativas decoloniais.

Refletindo sobre nossas conversas, ousou inferir sobre o sentido mais forte de seu ensinamento: apesar de todos os desafios enfrentados pelo povo indígena ao longo da história, na intenção de dizimá-lo, por mais que derrubem um guerreiro, sempre surgem novos guerreiros para lutar, mostrando que somos um povo de resistência e vida. (GUISSO, 2016, p. 74).

Hoje Janete não ministra aulas como professora de história, ela se dedica a cuidar de sua mãe Laudelina da Veiga e atua como camponesa, como no passado e como sua avó, desenvolveu e recordou com o tempo um contato muito forte com as ervas medicinais.

### 3.3 SAÚDE E ERVAS MEDICINAIS

Janete no espaço de sua casa possui um viveiro com muitas plantas para inúmeros usos: chás, remédios, temperos, flores e outros, utiliza para tratamento de diversas doenças, conhece a propriedade curativa de cada e a maneira como devem ser cultivadas:

Aí a gente se vira quando um sente dor, a gente tem. A planta que é para dor, que é, ou tem o antibiótico, anti-inflamatório e vai, é eu mesma tive bastante problema de saúde. Pressão alta, tomava um monte de remédio, colesterol e dor no corpo e aí fui tomando, eu fiz a experiência, dos remédios do posto de saúde, da farmácia e não dava, chegava do posto de saúde, ia na farmácia, comprava mais e aí fomos fazer experiência de experimentar, ver se funcionava mesmo o remédio pra dor. É o chá. Claro, ele demora um pouquinho mais, o efeito, mas a gente hoje quando alguém não está bem, até covid, tratamos com as ervas medicinais.

#### **E tu aprendeu com alguém? Tu aprendeu sozinha?**

A avó ela já tinha umas plantas a mãe também tinha umas plantas elas já tinham na horta e tratavam a gente para gripe, machucado. Na época já não tinha condição de comprar remédio, mas eu, uma coisa que eu aprendi mais mesmo foi na internet. É médicos ensinando, dizendo que tal remédio faz mal pra saúde, tome, use tal planta. E aí fui pesquisando e trazendo as plantas. O que não tem a gente procura encontrar, conhecer, onde tem e trazer.

#### **Tens uma horta com plantas medicinais?**

É. O viveiro.

#### **E aí tu ajuda a comunidade ou é só para tua família?**

É só pra família, pra família assim minhas irmãs, o meu irmão não gosta de chá, mas as meus sobrinhos, sobrinhas. Ontem ainda veio um sobrinho que ele falou, “tia, acho que você vai ter que fazer mais um chá pra mim. Porque eu não estou bem”. Daí a gente faz, tem coisa bem simples que dá pra fazer. Fazer ali um limão com mel e própolis e também ao invés de ir lá tomar Paracetamol, Ibuprofeno que faz tão mal para o fígado.

#### **Qual é o remédio, a planta que vocês mais usam?**

A gente usa açafraão, e a folha da goiabeira é ótima pra tudo. Para tosse, intestino, o pulmão. Gripe trata. Mas aí tem gengibre, tem açafraão, tem orégano.

#### **E quando não tem aqui essas plantas aonde tu busca, Janete?**

A feira lá do calçadão. A gente pega umas coisas que não tem. A unha de gato por exemplo nós não temos aqui.

#### **E serve para que unha de gato?**

Ele é antibiótico, alcaçuz também nós não temos aqui na nossa região, daí a gente pega lá que é mais barato. E o açaçuz ele é bom para o fígado e para gripe também. É pra tratar covid ele é bom. E a gente não tem e pegamos lá sempre. Uma vez por mês passamos na feira do calçadão fazer uma compra, mas a gente tem aqui a erva-baleiro que é muito bom para dor, né, a gente usa bastante.

#### **E tu que é a responsável pelo viveiro?**



Eu que cuido, a minha mãe também, o meu irmão também ajuda a cuidar. Ele que construiu. E junto a gente cuida das plantas, do chazinho<sup>58</sup>.

Os saberes sobre as ervas medicinais ultrapassam gerações e estão sempre presentes, em diversas culturas e até hoje são importantes fontes de transmissão dos saberes ancestrais e dos cuidados como Braulina Baniwa (2019) destaca:






Segundo as mulheres mais experientes do meu povo, a saúde e bem-estar passam pela forma como nos alimentamos, como cuidamos do nosso corpo, e pela forma como cultivamos os conhecimentos e saberes indígenas recebidos na nossa formação. Esses saberes geram gentilezas e alegrias, e devem ser transmitidas dentro das comunidades ou aonde se estiver. De acordo com elas, as mulheres são as que mais necessitam de controle, pois são as que viabilizam a continuação do povo. (BANIWA, 2019, p. 114).

Abaixo trazemos uma tabela das principais plantas e ervas cultivadas por Janete e sua família e as diferentes formas de uso que ela e sua família fazem. A descrição é a partir das explicações fornecidas por Janete da Veiga:

Tabela 03: Ervas medicinais





<b>Nome</b>	<b>Descrição de uso</b>
<p>Açafrão</p> 	<p>Compõe ação anti-inflamatória, antioxidante, antibacteriana e digestiva. Ajuda a regular a flora intestinal e o colesterol, fortalecer a imunidade.</p>
<p>Alecrim</p> 	<p>É considerada a planta da alegria, ajuda no alívio da dor de cabeça e combate ao cansaço, além de ser bom para o fígado e pressão alta.</p>
<p>Babosa</p>	<p>Propriedades calmantes, cicatrizantes, anestésicas, antitérmicas e anti-inflamatórias,</p>





<sup>58</sup> Roda de conversa realizada com e na casa de Janete da Veiga, em 14 de fevereiro de 2023.






		<p>quando alguém tinha alguma torção é utilizado para dor, além de ser ótima para hidratar o cabelo e cuidar da pele.</p>
<p><b>Boldo</b></p> 		<p>Utilizado para estimular as funções do fígado e melhorar a digestão.</p>
<p><b>Canfro</b></p> 		<p>Possui propriedades antibacterianas, antifúngicas, antioxidantes, antissépticas e anti-inflamatórias, utilizado para dor, febre e massagens.</p>
<p><b>Cavalinha</b></p> 		<p>Utilizado como diurético e nas infecções urinárias.</p>
<p><b>Cidreira</b></p> 		<p>Melhora a qualidade do sono, ajudar quem sofre de ansiedade e ainda controlar problemas digestivos, diminuindo cólicas, gases e pressão alta.</p>




<p>Erva Beleira</p> 	<p>Anti-inflamatória, antiartrítica, analgésica, utilizada para tratamento de dores musculares.</p>
<p>Erva Botão</p> 	<p>Alivia o incômodo provocado por diversos distúrbios no estômago, como indigestão ou constipação, além de auxiliar no tratamento de gripes no geral.</p>
<p>Erva Mulata</p> 	<p>Muito utilizada pela vó de Janete para curar torções em forma de compressas.</p>
<p>Espinheira Santa</p>	<p>Utilizada no tratamento de gastrite e indigestão</p>

	
<p>Gengibre</p> 	<p>Ajuda a prevenir doenças como a gripe, resfriados, câncer e envelhecimento precoce por ser antioxidante e anti-inflamatório.</p>
<p>Guaco</p> 	<p>Ajuda ao combate de gripes e resfriados, além de ser diurético auxiliando em problemas estomacais.</p>
<p>Hortelã</p> 	<p>Uma planta medicinal e aromática, com propriedades que ajudam a tratar problemas digestivos, como má digestão, enjoo ou vômitos.</p>
<p>Jambu</p>	<p>Analgésico, diurético, anestésico bucal.</p>

		
<p>Lavanda</p> 		<p>Com propriedades calmantes, estimulantes e cicatrizantes.</p>
<p>Malva</p> 		<p>Utilizada no tratamento de infecções dos sistemas respiratório, digestório e nervoso devido às propriedades calmantes, cicatrizantes, expectorantes e laxantes das folhas.</p>
<p>Melissa</p> 		<p>Ajuda a combater a insônia e ansiedade, tem ação antioxidante, anti-inflamatória, digestiva, diurética e é bastante reconhecido pelo forte efeito calmante.</p>
<p>Ora-pro-nóbis</p>		<p>Contém diversos minerais, como ferro, cálcio, manganês e fósforo; além de grandes quantidades de vitamina A, C e complexo B. Por causa disso, a ora-pro-nóbis funciona para fortalecer o sistema imunológico.</p>

		
<p>Orégano</p> 		<p>Contribui para o fortalecimento de vários sistemas do organismo: digestivo, imunológico, urinário, respiratório e cardiovascular.</p>
<p>Osmarin</p> 		<p>Na alimentação utilizada para temperar carnes.</p>
<p>Poejo</p> 		<p>Efeito digestivo e expectorante e é considerado antimicrobiano e antiespasmódico, principalmente usado para cólica em bebês.</p>
<p>Sabugueiro</p> 		<p>Utilizado para febre, um poderoso antitérmico; ajuda a tratar problemas renais e reumatismo. Por ser rico em vitamina C, a planta fortalece o sistema imunológico e mantém pele e cabelo saudáveis.</p>



<p>Sálvia</p> 	<p>Melhorar a memória, efeitos antioxidantes e diminuir inflamações.</p>
---	--

Segundo Gaudêncio, Rodrigues e Martins (2021) existe um amplo estudo sobre as ervas medicinais nas populações originárias das regiões norte e centro-oeste do Brasil, devido até mesmo a distância que algumas mantêm dos centros urbanos, o que não é muito abordado em povos indígenas nas demais regiões. Pensando na vivência de Janete da Veiga podemos observar que as ervas medicinais continuam importantes na manutenção cultural indígena, mesmo quando estes grupos tiveram grandes contatos com a colonização e impactados diretamente em seu modo de vida.

O saber das ervas medicinais resgata a ancestralidade e as noções de corpo-território que se manifestam nessas comunidades, o cuidado e a relação com a natureza são amplamente trabalhados quando falamos no trato de plantas que auxiliam na saúde, bem como a preservação de elementos que proporcionam a harmonia do ambiente, como o espaço, os animais e a natureza em geral.

As plantas cultivadas na horta<sup>59</sup> e no viveiro da família de Janete da Veiga indicam a coletividade e a preocupação com o cuidado de si, de seus parentes, de sua comunidade. Há a tradição e a opção pela defesa da vida e de outro modo de vivenciá-la. Ao dialogarmos com a decolonialidade e as trajetórias de mulheres indígenas assumimos outro modo de saber e de ser, sendo uma alternativa epistêmica e de vida frente as matrizes de poder colonialistas.

---

<sup>59</sup> O cultivo de ervas medicinais em horta é um exemplo da cultura do colonizador, pois para o povo Kaingang a horta é a mata, está que está à disposição e dá a eles tudo que precisam.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os aspectos, passagens e a trajetória de Janete da Veiga se relacionam diretamente com o feminismo comunitário, com a decolonialidade, além de trazerem claramente a ancestralidade de sua avó Fen’Nó. A decolonialidade e interculturalidade, questionam os moldes tradicionais da história e da pesquisa, fala sobre saberes e conhecimentos até pouco desconsiderados pelos pesquisadores, em função disto a presente pesquisa procurou dialogar e ouvir Janete da Veiga, nossa protagonista, sua voz que dialoga com pensamentos e trabalhos de outras mulheres indígenas com propriedade para evocar suas lutas e seu local de pertencimento.

Esse espaço também é uma porta para evidenciar a importância destas mulheres indígenas no ensino superior, que assim como Janete quebram barreiras para que muitas outras possam adentrar no mundo acadêmico e relatarem suas trajetórias, as pesquisas que partem de mulheres indígenas merecem e precisam receber seu devido reconhecimento, fora e dentro de suas comunidades.

O maior dos perigos, no entanto, residia nas políticas que foram introduzidas gradativamente em cada aspecto de nossas vidas, legitimadas pela pesquisa e frequentemente fomentadas por ideologias. De fato, muitos pesquisadores não indígenas são ainda bastante respeitados e apreciados pelas comunidades com as quais têm convivido. (SMITH, 2018, p. 13).

[..]

Pesquisa é um dos modos pelos quais o código subjacente ao imperialismo e ao colonialismo são ambos regulamentados e percebidos. A regulamentação é realizada por meio das regras formais de cada disciplina acadêmica e paradigma científico, e pelas instituições que os apoiam (inclusive o Estado). Tal condição é percebida na miríade de representações e construções ideológicas do outro nas pesquisas e em obras “populares” e nos princípios que ajudam a selecionar e recontextualizar as construções apresentadas pela mídia, pela história oficial e pelo currículo escolar. (SMITH, 2018, p. 19).

Por mais recente que o feminismo comunitário parece aos nossos olhos, mulheres como Fen’Nó e Janete lutam a muito tempo, mas somente recentemente mulheres indígenas começam a escrever sobre si e suas trajetórias, porém não podemos esquecer que a luta é mais antiga do que podemos imaginar não está apenas no papel:

Então, me parece que uma convocatória para os diferentes feminismos que tecemos é trazer essa possibilidade da pluralidade feminista que convoca desde os diferentes lugares de enunciação, para voltar a tecer a rede da vida. Eu quero seguir acreditando nessa possibilidade. Ainda que não nasci nesse mundo lindo que eu gostaria de nascer, sem patriarcado, sem racismo, sem violência, temos esse compromisso, quero seguir tecendo essa possibilidade, voltar a tecer essa rede da vida neste tempo em que nasci. (CABNAL, 2011, p. 14).

[...]

Fazemos uma luta contra o capitalismo e o racismo, mas não a fazemos contra o colonialismo e contra o sistema patriarcal? É uma luta parcial. Se não fazemos uma luta onde se enunciem os corpos das irmãs, companheiras, contra os essencialismos indígenas, é parcial. Porque então resulta que as mulheres que defendemos o território-terra, também temos que defender nosso território-corpo, porque dentro das comunidades e do movimento indígena e da esquerda socialista temos que lutar contra o assédio sexual, contra a violência sexual, contra as imposições de pensamentos e das dirigências masculinas. (CABNAL, 2011, p. 14).

Enquanto essa pesquisa era realizada foi aprovado na Câmara Federal a PL 490 que altera o uso das T.I pelos povos originários, além de dar direito aos poderes políticos o uso dessas terras, por mais que sejam demarcadas. A aprovação da PL vai de encontro direto ao Marco Temporal e fere os direitos dos povos indígenas, deste modo muitos grupos originários se organizaram contra a aprovação destas medidas, inclusive a comunidade do Toldo Chimbangue que propôs uma paralização da rodovia entre Chapecó e Paial<sup>60</sup>. As mobilizações ocorreram em todo país e evidenciam que a luta por seus territórios não acabou, nas diversas imagens disponíveis na internet podemos ver muitas mulheres indígenas a frente dos movimentos, o que dá potência a seus corpos e suas vozes.

Precisamos apoiar e auxiliar estes movimentos para que não parem por aqui, a muito tempo vivemos em uma sociedade em sua maioria patriarcal e redigida pelo pensamento colonial, é preciso que trajetórias como estas venham a público para fortalecer mais mulheres indígenas a somarem as lutas coletivas em Brasil e Abya Yala:

¿Qué es para ellas el feminismo comunitario, en sus territorios? Creemos que son la posibilidad, pero depende de nuestras hermanas, ser la semilla que queremos cultivar y cuidar para que este tejido cohesionen nuestras experiencias y nuestros conocimientos de mujeres en propuestas para el Vivir bien de nuestros pueblos. (PAREDES; GUZMÁN, 2014, p. 105).<sup>61</sup>

Nas diversas etapas desta pesquisa me deparei com inúmeras trajetórias de mulheres, não apenas de Janete ou de Fen'Nó, mas nas diversas leituras que utilizei para construir uma perspectiva que aborde a luta coletiva de mulheres indígenas que perpetuam legados ancestrais, de suas mães e avós.

---

<sup>60</sup> Informações retiradas do jornal Ndmais, disponível em: <https://ndmais.com.br/cidadania/indigenas-bloqueiam-rodovia-entre-chapeco-e-paial-em-protesto-contra-o-marco-temporal/>, acesso em 27 de jun. 2023.

<sup>61</sup> o que é para elas o feminismo comunitário em seus territórios? Acreditamos que seja a possibilidade, mas depende de nossas irmãs, ser a semente que queremos cultivar e cuidado para que esse tecido una nossas experiências e nossos conhecimento de mulheres propostas para o Bem Viver de nossa cidades. (tradução da autora).

Posso garantir que no início dessa jornada meu foco situava-se em evidenciar e pensar em sujeitos e corpos que muitas vezes são esquecidos pela sociedade e pelas raízes coloniais em que esse país se construiu, entretanto hoje acredito que o principal papel desta pesquisa, e meu individualmente, perpassam apenas sentimentos acadêmicos de transformar a realidade em que vivemos com novas perspectivas, quando sentimos a profundidade da luta dessas mulheres através de seus corpos tudo se torna algo com sentimento, emoção e euforia por ter a oportunidade de conhecer vivências tão diversas e tão potentes. Hoje entendo que me conectei não apenas de forma acadêmica e profissional com Janete e sua avó, mas compreendi que mulheres indígenas carregam sua ancestralidade, seu território e sua força e que me fazem pensar em como uma perspectiva decolonial em conjunto com o feminismo comunitário pode dar um pequeno passo a desconstrução de um mundo colonialista que calou muitas vozes. Além de tudo espero que essa pesquisa além de auxiliar nos debates decoloniais transmita esse sentimento que recebi de todas essas mulheres de luta, fortes e inspiradoras.

Para finalizar está etapa da pesquisa deixo uma última consideração feita por Janete a sua avó:

Às vezes a gente conversa um pouco quando bate a saudade. Como era, é fala da vó, de tudo que ela passou. Foi um exemplo para nós, aprender a batalhar e lutar pelas coisas que precisa sem querer ser mais do que o outro, ser melhor do que o outro. A gente vai vivendo assim. Uma das coisas que eu acho bem importante que eu busco pra mim é viver da forma mais simples possível assim, bem tranquila, sem ficar se preocupando com tanta coisa. É que a mídia ela cria tanta necessidade para gente. E se a gente for atrás dessas necessidades as pessoas perdem. É por isso que acaba esquecendo o que o que é ser índio. Esquece, que você começa a valorizar aquilo que estão te oferecendo e aquilo que você é já não dá mais sentido, não tem mais necessidade de pensar [...]



## REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. **WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 585-590, jul./dez. 2015.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o Giro Decolonial.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 11. Brasília, maio-agosto de 2013, pp. 89-117.

BANIWA, Braulina. **Mulheres e território:** Reflexão sobre o que afeta a vida das mulheres indígenas quando os direitos territoriais são ameaçados. *Vukápanavo: Revista Terena*, vol.1, n.1, p.165-170, out. 2017.

BANIWA, Braulina; KAINGAN, Joziléia; TREMEMBÉ, Lucinha. **Vivências Diversas: Uma Coletânea de Indígenas Mulheres.** 1ª. ed., São Paulo SP: Hucitec, 2020.

BARBOSA, P. Lia. **Florescer dos Feminismos na Luta das Mulheres Indígenas e Camponesas da América Latina.** *Revista Novos Rumos Sociológicos*, vol. 7º, nº 11, jan/jul 2019.

BAZZI, Andreza. **As Mulheres Kaingang não Saíram de uma Costela de Adão: Protagonismo Feminino na Terra Indígena Toldo Chimbangue da Luta Pela Terra aos Dias Atuais (1980-2019).** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Chapecó SC, 2019.

BENTO, Armandio. **Kujá e suas ervas medicinais.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Artigo ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Intercultural. Terra Indígena Guarita, RS, fev. 2015.

CABNAL, Lorena. **Feminismos diversos: el feminismo comunitário.** ACSUR-Las Segovias, 2010

CALDERONI, Valéria; URQUIZA, Antonio. **A Interculturalidade como Ferramenta para (Des) Colonizar.** *João Pessoa: PPGCJ*, v. 16, n. 33, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DORRONSORO, Begonã. **El territorio cuerpo-tierra como espacio-tempo de resistencias y luchas en las mujeres indígenas y originarias.** IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES, 6-7 dezembro 2013.

DUTRA, Delia; BANDEIRA, M. Lourdes. **Estudos de Gênero na América Latina: dinâmicas epistêmicas e emancipações plurais.** *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* V.9 N.2, 2015.

GAUDÊNCIO, Jéssica; RODRIGUES, Sérgio; MARTINS, Décio; SILVEIRA, Rosemari. **Conhecimento tradicional Kaingang: o uso de ervas medicinais.** *ODEERE*, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 35-53, 2021.

GUISSO, Cintia. **O Significado da Sociocosmologia nas Histórias dos Kofa Ag: O Mundo e a Vida Kaingang.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, nov. 2016.

hooks, bell. **“E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo.** Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, bell. **O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1º ed, 2018.

hooks, bell. **Olhares Negros, Raça e Representação.** Editora Elefante, 1º edição, São Paulo, fev. de 2019.

KAINGANG, Joziléia; SILVA, Elis. **Biografia Fen’Nó.** Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-fenno/>, acesso em 24 de jan. de 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.** 1º ed, Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

KOL, Claudia. **Feminismo Comunitário de Iximulew-Guatemala: Diálogos com Lorena Cabnal.** Revista Hawò, v.2, 2021.

Marcha das Mulheres Indígenas: **“Território: nosso corpo, nosso espírito”** Brasília – DF, 09 a 14 de agosto 2019. Disponível em: <https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2019/08/DOCUMENTO-FINAL-MARCHA-2019.pdf>, acesso em 24 de jan. de 2023.

MOURA, Adriana; LIMA, Maria. **A REINVENÇÃO DA RODA: RODA DE CONVERSA: UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO POSSÍVEL.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

OLIVEIRA, Elizabeth; LUCINI, Marizete. **O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência.** Boletim Historiar, vol. 08, n. 01, Jan./Mar. 2021, p. 97-115.

PAREDES, Julieta; GUZMÁN, Adriana. **Qué es el feminismo comunitario?.** Comunidad Mujeres Creando Comunidad, Impreso en Moreno Artes Gráficas. La Paz, abril 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?.** 1ª ed., São Paulo SP: Companhia das Letras, 2018.

SAGÁS, Yasmin. **PROFESSORAS KAINGANG: UMA ANÁLISE DA AGÊNCIA FEMININA NO CONTEXTO DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ/SC.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História. Florianópolis, 2017.

SAVOLDI, Adiles. **A força da Fen’Nó: Uma dádiva aos Kaingang da terra indígena Toldo Chimbangue.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13thWomen’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

SAVOLDI, Adiles. **RITUAIS DE REBELIÃO À BRASILEIRA**: Distintividade cultural e reconhecimento étnico nas Semanas Culturais do Toldo Chimbangue em Chapecó-SC. Texto apresentado ao Curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Niterói RJ, 2020.

SILVA, Marcos. **Memórias que Lutam Por Identidade**: A Demarcação da Terra Indígena Toldo Chimbangue (Sc) – 1970 – 1986. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em História Cultural. Programa de Pós-Graduação em História Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SMITH, T. Linda. **Descolonizando metodologias**: Pesquisa e Povos Indígenas. Curitiba PR, Editora UFPR, 2018.

VEIGA, Ana Maria. **Uma virada epistêmica feminista (negra)**: conceitos e debates. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0101, jan./abr. 2020.

VEIGA, Juracilda. **Cosmologia e Práticas Rituais Kaingang**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, fev. de 2000.

VIANA, N. Rubiana. **Raça, gênero e classe na perspectiva de bell hooks**. Revista Sociedade e Cultura. 2021, v.24, abr. 2021.

VICENZI, Renilda; PICOLI, Bruno. **Escola, ressignificação, descolonização**: narrativas de estudantes Kaingang na fronteira Sul do Brasil. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 17, e2219356, 1-23, 2022. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>

WALSH, Catherine. **INTERCULTURALIDAD, ESTADO, SOCIEDAD: LUCHAS (DE) COLONIALES DE NUESTRA ÉPOCA**. Primera edición: Universidad Andina Simón Bolívar / Ediciones Abya-Yala, Quito, marzo 2009.

## ANEXO 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Roteiro:

*INDÍGENAS MULHERES KAINGANG: uma abordagem a partir do feminismo comunitário*

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa INDÍGENAS MULHERES KAINGANG: uma abordagem a partir do feminismo comunitário

Desenvolvida por Fernanda Cansan Toffoli, discente de Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Chapecó, sob orientação da Professora Dra Renilda Vicenzi.

Objetivo central (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3. a)

O objetivo central do estudo é: Construir as trajetórias de Fen'Nó e suas descendentes, mulheres indígenas Kaingang da TI Chimbanguê, a partir da concepção do feminismo comunitário.

Justificativa

Trabalhar com o feminismo comunitário (indígena), que se coloca com um movimento recente em comparação com outras lutas femininas, como a das mulheres brancas, promove a oportunidade e a necessidade de explorarmos uma vertente que inclua essas mulheres com suas particularidades culturais luta por seus direitos, igualdade e respeito em campos que são recentes para estas, como as universidades, além disso, dá destaque a narrativas invisíveis até o momento que também possuem elementos para a construção de uma história de pautas raciais, contada por mulheres indígenas. Trajetórias como a de Fen'Nó e suas descendentes são importantes para a desconstrução e descolonização de algumas abordagens ainda vigentes ligadas a mulher indígena como um todo, desmembrando concepções coloniais que ainda se fazem presentes nos dias atuais que precisam ser debatidas, para que mais mulheres ocupem posições de destaque e sejam reconhecidas e incluídas em meios acadêmicos.

Por que o PARTICIPANTE está sendo convidado (critério de inclusão) (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 itens IV.3.a, d)

O convite a sua participação se deve à importância dos saberes enquanto mulher quilombola da Invernada do Negros.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Mecanismos para garantir o sigilo e privacidade (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3. c e)

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Identificação do participante ao longo do trabalho

Caso haja risco direto ou indireto de identificação do participante, isto deverá estar explícito no Termo.

Existem casos em que o participante de pesquisa deseja que seu nome ou de sua instituição conste do trabalho final. Esta é uma situação comum, que deve ser respeitada, no entanto, é necessário que esteja explícito no Termo.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466



de 2012 item IV.3.a)

“A sua participação consistirá em falar/dialogar através de roda de conversa, com perguntas abertas”. Será realizado o exercício de escuta pelos pesquisadores.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 2 horas.

Gravação da entrevista

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação      Não autorizo gravação

Filmagem do entrevistado

A entrevista será filmada somente para a avaliação das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo filmagem      Não autorizo filmagem

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item XI.2.f)

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) aos participantes da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de dar visibilidade aos saberes das mulheres quilombolas e sua inserção na produção do conhecimento.

Previsão de riscos ou desconfortos (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

A participação na pesquisa poderá causar riscos

O risco de as participantes não se sentirem a vontade na roda de conversa. Se isso ocorrer a pesquisa será interrompida.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item XI.2.h)

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Sobre a Via do TCLE entregue ao participante da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3.f)

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Chapecó, 14 de fevereiro de 2023.

*Renilda Vicenzi*

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: ( 49 9 91212927) ou (49 9 99908891)

e-mail: [renilda.vicenzi@uffs.edu.br](mailto:renilda.vicenzi@uffs.edu.br) ou [fernandacansan81@gmail.com](mailto:fernandacansan81@gmail.com)

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: Janete da Veiga

Assinatura: *Janete da Veiga*